

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. III JANEIRO E FEVEREIRO DE 1897 N.º 1 E 2

Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida¹

No corrente anno a Commissão dos Monumentos Nacionaes fez distribuir dois questionarios, publicados no *Arch. Port.*, II, 237, cujas respostas formariam um repositorio interessantissimo de noticias dos mais variados generos, seriam o inventario de quanto ha de bom, raro e curioso disperso pelo país; infelizmente pouco ou nada se colheu.

Não tenho grande tempo para folgares, mas, aproveitando-lhe todas as parcellas, alcanço algumas vezes fazer nos campos de pousio uns respigamentos, cujos grãos aproveitados depois por mão experiente e habil podem vir a dar producção valiosa.

Propondo-me publicar o projecto das minhas respostas áquelles questionarios, de certo me não desvio dos intentos da Commissão, que não tinha em vista monopolizar noticias, mas, para interesse commum, segurar o que tende a cair no olvido, juntar o que ha disperso, fazer que se saiba o muito que se cala.

*

As industrias e as artes, mães fecundissimas, produzem sem descanso e, geradoras por natureza, desprezam as suas criações. As sociedades humanas, no seu caminhar incessante, correm-lhes parellas, mais se occupando do que ha de vir, do que do passado. Assim as memorias e monumentos dos velhos tempos vão-se apagando, como se fossem cousas inuteis.

¹ Este artigo foi escripto em 1893-1894; mas publica-se agora pela primeira vez.

As familias religiosas, de uma vida que aspirava ao eterno, sem solução de continuidade e que ligava gerações a gerações, foram os mais ricos repositórios de noticias de todos os tempos e, com zêlo extremado, guardavam quanto fallava da sua grandeza moral ou material: possuidoras de largos haveres, não alienavam as preciosidades adquiridas, e proviam com cuidado á conservação dos monumentos e preciosidades artisticas de primeira ordem, de que eram senhoras.

Á instituição dos morgados, que, por assim dizer, perpetuava as pessoas, tambem coube parte muito importante na conservação de monumentos, que escriptos em annosos pergaminhos, ou que, gravados na pedra, fallavam ás gerações numa linguagem perceptível a todas as gentes, por mais desviadas pelo espaço ou pelo decorrer dos séculos.

Extinctos estes dois valiosos perpetuadores da historia e das artes, urge sem descanso, nem demora, segurar por novos meios quanto tende a esvaír-se.

Fazer o inventario das reliquias valiosissimas que ainda restam e que constituem cabedal de enorme valia, para legarmos á actividade dos que vierem a succeder-nos, seria grande serviço.

O campo da colheita é vastissimo, o país; tem de corresponder-lhe o numero de segadores e ainda assim o trabalho deve ser rapido e sem apuro, para avolumar-se, deixando a cargo de quem tiver de concenar as noticias o demorado estudo de quanto foi adquirido.

Fragil é a flammula que tremula no tópo do mastro, mas basta aperecebê-la ao longe para sabermos que em baixo voga uma nau, que as aguas mal sustém: do mesmo modo um fragmento de barro cozido, de um ferro corroído, de uma pedra trabalhada pela mão do homem nos pode levar ao descobrimento de uma povoação soterrada, cuja existencia nem se suppunha, ou se julgava desviada. Esse fragmento, inutil ao parecer, mostra-nos a civilização de um povo; esclarece, não raro, pontos confusos da historia da humanidade. E ha tanto que explorar! Pena é que no nosso Portugal o acaso seja o maior agente dos descobrimentos e que poucas explorações bem dispostas se tenham feito para se roubar á terra o que ella cuidadosamente esconde.

Eu, por mim, não posso contribuir com larga parte, mas se todos viessem depôr o seu obolo juntar-se-hia capital immenso para legarmos aos que nos succederem. Limitarei as minhas noticias á pequena península da Arrabida, ou só accidentalmente tocarei algum ponto conhecido fóra das lindas, que me imponho: serei comtudo rigoroso na busca, e verdadeiro na exposição.

No que tiver de dizer, seguirei a ordem do questionario da Commissão.

1. Antas

Não sei que por aqui existam quaesquer antas, mas parece ter havido umas perto da antiga villa de Sezimbra em caminho de Azeitão. No registro das propriedades da igreja de Santa Maria de Sezimbra, feito em principios do seculo xv, ha dois passos que fazem crer na sua existencia ali. Assim: — *Affonso Vicente paga ás alampadas da egreja de S. Maria um foro de 50 soldos, da moeda antiga, de uma herdade que jaz nas ANTAS caminho de Azeitão* — *Affonso Vasques, pescador, paga um foro de 20 soldos de bôa moeda antiga por uma vinha nos chãos acerca das ANTAS*. A designação de *antas*, ainda que se refira ao sítio, não foi de certo caprichosa, mas por ter havido no lugar alguns d'aquelles monumentos dos antigos habitantes da península. Actualmente, nem o nome já existe, sendo absorvido pelo de *Sampaio*, appellido dos senhores da quinta por este nome conhecida.

2. Cavernas ou grutas

Cavernas ou grutas naturaes encontram-se na parte meridional da serra da Arrabida. As mais notaveis são:

a) *A lapa do Medico*, na meia encosta do monte *Abraão*, á esquerda do caminho que vae da fonte do *Solitario* para o mosteiro pelo valle de *S. Paulo*. Tinha formosas estalactites e estalagmites, que foram destruidas na maior parte pelos visitantes. A parte superior foi habitação de um cenobita; o subterraneo foi descoberto ahi por 1850 devido á queda de uma pedra, que fechava a entrada.

b) *A lapa de Santa Margarida*, junta ao mar. Tomou o nome da capella d'esta vocação, que tem dentro. É de bom accesso, muito vasta; robustas columnas naturaes parecem sustentar a cobertura dos rochedos.

c) *A lapa da Greta*, mais para oeste, que é invadida pelas aguas do oceano nas altas marés. Continha bom numero de metros cubicos de guano extrahido ha pouco. — Em nenhuma d'estas cavernas se encontraram ainda vestigios do homem prehistorico.

3. Grutas artificiaes prehistoricas

Existem na *Aldeia de Cima*, na *Quinta do Anjo*, perto de Palmella. São excavadas em rocha branda, tem a fórma hemispherica, com uma entrada ao rez do terreno inferior ao cerro; na parte superior ha um respiradouro largo. Foram exploradas pelos annos 1860 ou 1870. Os

vasos e os silices ali encontrados conservam-se na Commissão dos trabalhos geologicos estabelecida no edificio da Academia das Sciencias ¹.

4. Pedras de raio

As *pedras de raio* (instrumentos de pedra prehistoricos) são muito vulgares; d'antes appareciam bastantes nas encostas da cordilheira de montes, que corre parallela á serra da Arrabida; o seu apparecimento agora é menos repetido, e nos ultimos annos muito raro, devido ao facto de os amadores da especie levarem a maior parte. Tive uma que media 0^m,30 de comprido por 0^m,21 na sua maior grossura. Eram mais communs as de menores dimensões ².

5. Restos de povoação

Na foz da ribeira da *Ajuda* ou de *Aravil*, na garganta formada pelo cerro, em que se levantou a bateria de S. João Baptista, transformada em casa da commenda da *Mouquellas*, hoje propriedade do Conde Armand, e pelo monte, em cujas faldas passa a nova estrada para a *Torre do Outão*, encontram-se restos de edificações romanas, mais ou menos, conforme as aguas limpam ou assoreiam o leito da ribeira. Vêem-se fundos de pequenos tanques, ou quaesquer recipientes, construidos de argamassa, em que predomina o tijolo pisado. Fragmentos de objectos de barro ha muitos. Trouxe d'ali uma lamina de marmore branco de 0^m,05 de espessura, metade de uma malga ou tigella de barro escuro e um pedaço da argamassa cimentada, da que a cima fallo.

Como nestes restos ha muita analogia com os da fronteira *Troia*, convenço-me de que a povoação ali destruida se ligava á que na frente está soterrada, sendo mais ao sul a foz do Sado. Das medalhas de

¹ [Das grutas de Palmella existe uma noticia publicada no livro do Sr. E. Cartailhac, *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, e outra manuscrita, devida ao Sr. Antonio Mendes, collecter geologico que trabalhava sob as ordens de Carlos Ribeiro; d'esta ultima colliji os trechos mais importantes no vol. I das minhas *Religiões da Lusitania*, que está para sair do prelo.—J. L. DE V.]

² [Nas minhas excursões pelos arredores de Setubal tenho encontrado algumas, que estão no Museu Ethnographico Português; o Sr. capitão Márques da Costa, collaborador d-*O Arch. Port.*, e o Sr. Arronches Junqueiro possuem tambem algumas da mesma procedencia. O machado de que falla o Sr. Rasteiro, creio que elle o offereceu ao Museu Municipal de Alcacer do Sal.—J. L. DE V.]

Gracianus, Theodosius, Valentinianus, Arcadius e Honorius, encontradas nas explorações feitas pela Sociedade Archeologica Lusitana, vê-se que a povoação teve existencia até fins do seculo IV de Christo¹.

6. Moedas e outros objectos romanos

Em toda a península da Arrabida não é raro o achado de moedas romanas, sendo mais frequente o encontro nas proximidades dos montes e da serra. Sempre tão dispersas, que fazem crer haverem sido perdidas. Tenho visto muitas de bronze, e algumas poucas de prata, mas nenhuma de ouro. Tenho á vista uma em que se lê *Claudius Caesar Augustus* em redor do busto do imperador; é de bronze, tem de diametro 0^m,028 e de grossura 0^m,002; no reverso, menos bem conservado, ha uma figura apoiada a um escudo circular, ao que parece, e as letras S. C.² Outra, de menores dimensões, tem um busto coroadado, muito perfeito, e no reverso a aguia; a legenda está completamente destruida. Tenho tido e visto muitas mais, encontradas em redor de Villa Nogueira de Azeitão, povoação, relativamente, de moderna data, e onde nem ha restos de velhas edificações.

Ao sueste do mosteiro dominico de Santa Maria da Piedade, logo fóra da cêrca, que era vasta, num sítio chamado o *Painel das Almas*, descobriram-se, ao metterem-se umas bacelladas, algumas sepulturas com vasos de barro: isto seria por 1840, mas tudo foi perdido. Umas das moedas, de que a cima fallo, é d'alli, encontrada ha poucos annos. Passa pelo local a estrada do *Hospicio*. As aguas do passado inverno (1894) fizeram-lhe umas excavações, em que vi grandes pedaços de telha, do genero *imbrex*, e de tijolos grossos: conservo dois tijolos perfectos: tem a fórmula de quarto de circulo, dos empregados na fabricação de columnas cylindricas; medem 0^m,21 de raio por 0^m,05 de espessura.

Nas ruinas de *Troia* (defronte de Setubal) póde-se dizer que abundam as moedas romanas; Alcacer do Sal é um verdadeiro thesourç.

¹ [Perto de Setubal existem tambem restos de um castro pre-romano e grutas prehistoricas, exploradas ultimamente pelo Sr. Maximiano Apollinario em nome do Museu Ethnographico Português; d'esses trabalhos, cujos productos archeologicos existem no Museu, se fallará em occasião opportuna: cfr. tambem *O Arch. Port.*, 247. Á cêrca das ruinas romanas de Alferrar vid. Márques da Costa in *O Arch. Port.*, II, 10. — J. L. DE V.]

² [Deve ser o médio-bronze de Claudio descrito por Cohen, *Médailles impériaes*, 1.^a ed., vol. I, *Claudio*, n.º 87: Pallas com capacete, dardo e escudo. — J. L. DE V.]

Felizmente ha em Alcacer dois cavalheiros muito distinctos (padre Galamba e Correia Baptista) verdadeiros amadores, que nada deixam perder e que com as suas collecções auxiliaram a formação de um museu municipal. O Sr. Baptista tem uma collecção de barros, muito interessante; vi-lhe uma bonita urna cineraria, bastantes *pondus*, que, creio, serviam de dar tensão aos fios da trama dos tecidos. Tambem ali vi a ferragem de uma lança, ponta e couce, e o dente de um arado, tudo romano¹.

Os Srs. Gomes Polvora, em Setubal, tem uma bella amphora, sem defeito algum, encontrada na vizinha *Troia*².

No *Pinheiro*, propriedade de Mr. Bartissol, mostraram-me uma grande amphora, tambem em perfeito estado de conservação; foi ali encontrada soterrada e servia de habitação a uma familia de cobras.

7. Objectos e moedas arabes

Só conheço uma lapide de quarto de circulo, pertencente ao Sr. Correia Baptista, de Alcacer, achada ha pouco e com inscripção arabe. O encontro de moedas arabes por estes sitios é tão raro, que nenhuma conheço, o que é de admirar, pois aquelle grande povo dominou por seculos em quasi toda a peninsula hispanica e estacionou tanto nas proximidades do Tejo e do Sado.

8. Tradições locais

A baixo do eremiterio de El-Carmen, na vertente oeste da serra da Arrabida, ha um valle chamado da Victoria. Numa elevação proxima, e que fórma a quebrada do terreno, houve um *sacello*, ou pequenina ermida, dedicada a Santa Maria da Victoria, de que ainda existem restos. É tradição constante, que naquelle lugar se deu o recontra dos cavalleiros de Affonso Henriques, que marchavam á expugnação de Palmella, com os mouros de Badajoz, que vinham em soccorro de Sezimbra, já em poder dos portuguezes. Conhecida a situação do lugar

¹ [A collecção do Sr. Correia Baptista está hoje no Museu Municipal de Alcacer: á cêrca d'este Museu, devido sobretudo aos esforços dos dois mencionados Srs., vid. *O Arch. Port.*, 1 80; o Sr. Correia Baptista tem tambem publicado aqui interessantes artigos sobre as antiguidades de Alcacer.—J. L. DE V.]

² [Em virtude da distincta amabilidade d'este Sr. e da d'outros que com elle constituem uma sociedade industrial, á qual a amphora pertencia, esta foi-me offerecida para o Museu Ethnographico Português, onde já se acha.—J. L. DE V.]

proximo do antigo caminho, que corria pelo grande valle formado pela serra da Arrabida e montes de Azeitão e que por aquelle lado communicava as duas povoações acastelladas, não repugna acceitar a tradição.

9. Designações locativas

— *Azeitão* é uma pequena região ao sul do Tejo, que comprehende em si a Arrabida e Coina-a-Velha. É de fórma triangular, tendo a base ao sul no oceano e o vertice proximo de Coina-a-Nova. Formou concelho autonomo por quasi um seculo, desde 1759 a 1855; era limitado ao oeste pelo Coina, que, nascendo junto de Calhariz, vae lançar-se no Tejo; o outro lado era a linha divisoria das commendas de Sezimbra e de Palmella. Em quanto fez parte do concelho de Sezimbra designava-se *Limite de Azeitão*. Comprehende vastos terrenos e diversas povoações lançadas ao longo da estrada de Palmella a Sezimbra.

— *Coina-a-Velha* é em Azeitão; designa um girão de terreno com a base no alto dos montes, aonde estão as ruinas do seu velho castello e as aldeias de Coina-a-Velha, Portella e S. Pedro. Formam os lados do girão as ribeiras do *Porto de Cambas* e da *Asenha da Ordem*. Esta ultima é o Coina, que em todo o curso segue com o nome dos lugares, que atravessa, só tomando o proprio quando se mistura com as aguas das marés¹.

— *Villa Nogueira de Azeitão*, assim chamada por haver sido séde do concelho de 1786 a 1855. Foi primitivamente *Aldeia de Nogueira*, isto é, o agrupamento das casas, officinas agrarias e habitações dos caseiros e lavradores da *Quintã de Nogueira*, pertencente aos Nogueiras, senhores do morgado de S. Lourenço de Lisboa, e que depois passou para a infanta D. Constança, mulher do infante D. Pedro, rei primeiro do nome.

— *Villa Fresca de Azeitão* foi chamada até 1759 *Aldeia de Villa Frêche*, creio que primitivamente era a *Aldeia*, ou, como se diz no Alemtejo, o *Monte da Quinta Fresca*, que no seculo xv foi propriedade do infante D. João, mestre de Sant'Iago.

— *Portella* é uma pequena povoação ao sul de Coina-a-Velha. Foi de certo a sua situação, que lhe deu o nome. É vulgar em Azeitão

¹ [A palavra *Coina* representa ainda, quanto a mim, a antiga *Equábona*, designação de uma conhecida cidade da Lusitania. A serie das fórmulas, por que a palavra primitiva passou até hoje, poderá ter sido a seguinte: *Equábona* > **(E)quab(o)na* > **Cau-na* > *Couna* > *Coina*. A pronúncia popular actual supponho que é *Côina*, e não *Cóina*, que é litteraria. — J. L. DE V.]

a palavra *portella* para significar uma cortadura no alto dos montes e lugar de passagem; assim ha: *portella da Cruz*, ou das *Necessidades*, *portella do Grillo*, *portella do Forno-da-cal*, *portella da Sardinha*, *portella da Lage* e a *portella* de que a cima fallei, já occupada pela aldeia.

Do mesmo modo se emprega a palavra *porto* designando passagem de ribeiras no fundo dos valles; assim: *porto da Larangeira*, na estrada de Azeitão a Setubal, com uma ponte de 1872; *porto da Villa*, na abandonada estrada de Azeitão a Sezimbra, com uma ponte do seculo passado; *porto de Cambas* na estrada que substituiu a anterior, com uma ponte de 1880 no lugar de outra antiga; *porto Velho*, alem de Coina-a-Velha, sem ponte. E no concelho de Sezimbra: *porto do Concelho*, perto da Apostiça, atravessado pela estrada de Sezimbra a Almada; *porto Calheiro* numa ribeira que vae desaguar na Albofeira.

— *Casal do Bispo* é uma propriedade nos limites de Coina-a-Velha, com uma casa no alto de um monte bastante elevado e junto das ruinas do velho castello de Coina. Chama-se *do Bispo* por haver pertencido a D. Belchior Belliago, bispo de Fez. Este Belliago estudou em Paris, leu humanidades em Coimbra, philosophia e theologia; escreveu em latim com muita elegancia e pureza: cfr. adeante, pag. 36, nota.

10. Fortificações, ou edificios attribuidos aos Mouros na voz do povo

O *Castello dos Mouros*, ou *Jogo dos Mouros*, na serra da Arrabida. Fallarei d'elles no quesito «Montes fortificados». As *Covas da Moura* na quinta do Anjo, de que atrás já disse. O *Castello de Coina*, de que noutra parte direi. Uma represa de aguas no fundo da quinta da Moura, proximo á Ajuda, propriedades do Conde Armand.

11. Monumentos-palacios

— O palacio da Bacalhôa pela fórma e disposição das suas construcções, pelos seus azulejos e medalhões esmaltados, pela significação artistica do conjuncto, é um monumento a que bem caberia a guarda do estado.

— O palacio dos duques de Aveiro entra tanto na historia patria desde o seculo XVI, que é um despertador permanente dos factos, epochas e homens mais notaveis de Portugal. Edificado pelo mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, recorda D. João II, o *homem*, o *principe prefeito*, o grande rei e reformador. Occupado durante a dominação castelhana pelos duques Lencastres, rivaes dos Braganças, foi nelle que Philippe III veio em 1619 visitar os duques D. Juliana e D. Alvaro,

ao passo que se desviava do solar de Villa-Viçosa. Aqui nasceu o primeiro duque de Abrantes, tronco dos duques de Abrantes e Liñares de Hespanha: nasceu tambem D. Maria de Guadalupe, duquesa de Arcos e de Aveiro, distincta pelas suas qualidades, lettras e genio artistico. O ultimo Aveiro, José de Mascarenhas, réo do regicidio de 1758, aqui foi preso com sua mulher, filhos e familiares. No palacio foi a custodia dos jesuitas, quando expulsos para Italia; d'aqui saíram para bordo do brigue S. Nicolau, continuando ainda custodia de outros padres, que sobrevieram. É renascença pura e pela epocha da sua edificação (fins do primeiro quartel do seculo XVI) seria nelle, talvez, que se estreou aquelle estylo sem mescla.

—O palacio de Calhariz, entre Azeitão e Sezimbra, é um magnifico e vastissimo edificio. Tem uma serie de salas que abrem sobre um esplendida varanda. Os *mezzanini* foram aproveitados pelo primeiro duque de Palmella para darem luz a grande numero de quartos para aposento do grande e escolhido sequito de que elle se fazia acompanhar. Esta obra, restauração do palacio e jardins, quadros, mobilia, foi dirigida pelos scenographos e architectos Rambois e Cinati; a remodelação da cultura dos vastissimos terrenos foi entregue a um milanês, Gagliardi; tudo cêrca de 1850. Na capella é notavel o altar de famoso mosaico e bellas columnas salomonicas de excellente marmore. Na quinta ha copadas alamedas, bons lagos, que imitam o natural e, ao norte do palacio, a pequena distancia, um formosissimo pinhal.

12. Igrejas

—Na igreja de S. Lourenço de Azeitão só existe digno de menção o azulejamento que representa a duas côres (azul sobre fundo branco) scenas biblicas; será industria portuguesa de fins do seculo XVII. Estes quadros são emmoldurados em largas tarjas festonadas de bom gôsto e firme execução. Tambem ha na mesma igreja uma *Madona* de barro esmaltado, genero, ou mesmo produção de algum dos Della Robbia.

—A igreja de S. Simão tem as paredes cobertas de azulejo de variado desenho polychromo. É datado de 1648. As imagens da Virgem sob o titulo *da Saude*, a do orago e a do Baptista são em grande vulto de barro colorido; obras do seculo XVI.

13. Ermidas

—A ermida do Bom Jesus, na Arrabida, atrio, jardim circundante ornado de graciosas fontinhas repuxantes e povoado de cyprestes, é

tudo obra do segundo quartel do seculo XVII, mandada executar por D. Antonio de Lencastre, filho dos duques de Aveiro, D. Julianna e D. Alvaro. D'entre um polygono de 32 faces sae uma construcção octogona, base de um pequeno e esvelto templo em fôrma de torre, de quatro faces com os angulos em quarto de circulo. Do alto saem quatro pyramides e do meio d'ellas a cupula hemispheroides forrada de azulejo, que por entre as agulhas dos altos cyprestes lança ao longe os raios do sol, que se reflecte no esmalte luzente da cobertura. Em redor do templozinho corre um terraço, para que dão quatro portas. No anterior um altar de quatro faces occupa o centro da ermida e sobre elle está uma machineta ou pavilhão de talha dourada com a imagem de Jesus, menino. A imagem é pequena e dias ha, em que veste calção e meia, véstia e collete compridos de algibeiras com grandes portinholas pendentes. Trajo da epocha aproximada á edificação do eremiterio. O pavilhão é de despropocionada grandeza e sobrecarregado de ornamentação, obstrue a parte superior do edificio, ameaça esmagar a pequena imagem e os adoradores, e, parecendo querer furar a cupula, torna inutil o trabalho de ornato, que poderia ter belleza num maior ambito.

—A ermida dos Remedios, na aldeia dos Castanhos, foi igreja do mosteiro de freiras dominicas de Jesus Bom Pastor, extinto em 1572. Conserva a antiga capella-mor de abodada artozoada, nos seguintes do arco ha dois medalhões com busto em alto relevo (*imagines clipeatae*); as camadas de cal de tal modo se accumulam sobre a pedra que não póde avaliar-se do seu merecimento.

14. Tumulos

Num ediculo no estylo manoelino na nave do evangelho da arruinada igreja das freiras de Sant'Iago, em Palmella, existe a urna, em que se encerrou a ossada do Mestre D. Jorge de Lencastre. Foi, ha muito, violada. A urna pousa sobre dois leões, de que apenas se vêem as cabeças; mede de comprimento 0^m,10 e de alto 0^m,78, comprehendida a tampa com a espessura de 0^m,26. Duas columnas delgadas e torcidas como cordas, medindo 2^m,20 de alto, sustentam a volta composta do ediculo, distanciando-se 1^m,32.

Num lanço da parede do evangelho, e que o terramoto de 1755 poupou, na egreja do mosteiro de S. Maria da Piedade, em Azeitão, existiu até ha poucos annos uma urna cineraria de marmore preto dentro de um ediculo construido de marmores diversos. Encerrava os restos de Antonio da Gama e de sua mulher D. Isabel da Silva.

Tudo d'ali desapareceu, comprado por Francico José Pereira, de Setubal. Desconheço a que foi applicado e o seu paradeiro. Da inscripção darei conta em seu lugar.

15. Cruzeiros

Na portella da Cruz, ou alto das Necessidades, na parte mais elevada da estrada de Azeitão para Setubal, ha um cruzeiro, de que tratei no n.º 44 da *Revista Illustrada*, periodico artistico-litterario de Lisboa. Esteve o cruzeiro por largos annos descoberto, até que no meado do seculo XVIII se construiu a ermida, que actualmente o guarda. Tem brasões e inscripção, que nos seus lugares darei.

Um cubo de alvenaria ordinaria, com que formaram um altar de quatro faces, deve encobrir o pedestal e (quem sabe) talvez a sepultura de Vasco Queimado de Villalobos.

16. Brasões

Na Bacalhõa existem por terra dois escudos de pedra, que seriam para sobrepôr nos portões do pateo de entrada do palacio. São ambos dos Albuquerque, mas diversos nas fórmãs e moveis. Um, não acabado, é igual ao que vem nos *Commentarios*, faltam-lhe os leões, para o que se deixou a necessaria saliencia na pedra: é cruzado, tendo nas extremidades e centro da cruz cinco castellos; entre cada um deveria ter um leão. Nos quarteis vêem-se as quinas. O lavor está ainda tosco. O outro escudo está perfeito. É esquartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas e 8 castellos na orla, no 2.º e 3.º cinco lises em aspa. Este mesmo escudo, mas de fórmãs caprichosas, encontra-se pintado no azulejo da galeria occidental do lago.

No tecto de uma das salas do pavimento terreo do mesmo palacio, chamada a *sala das armas*, ha pintado, no centro, este ultimo brasão, e nos outros caixotões do soffito o brasão dos Gomides, o dos Noronhas, o dos Anhais e o dos Castros.

—No cruzeiro da capella das Necessidades, do qual já atrás fallei, encontram-se quatro escudos distribuidos pelas quatro faces principaes da haste da cruz. Na face da frente ha um escudo em diagonal com as armas dos Villalobos — 2 lobos passantes; no chefe vê-se uma figura semelhante a um T, sobre o escudo um elmo aberto. Na face opposta, escudo uma cabeça de lobo. Na face da esquerda, escudo com um leão batalhante. Na face direita, escudo com barra saindo das duas cabeças serpes. Estes tres ultimos escudos caem perpendiculares á haste da cruz.

—Em Villa-Fresca ha uma quinta, chamada do Cesar, que no primeiro quartel do seculo XVII foi de Affonso Bembo, nella fallecido; meado o mesmo seculo era de João de Moura Fogaça, casado com D. Brites da Cunha, e depois passou para a familia Cesar de Menezes, de quem conserva ainda o nome. Actualmente é do Sr. Mariano Cyrillo de Carvalho.

Sobre o portão do pateo de entrada, demolido e agora refeito com mais modestas fórmas, havia um escudo, que ali se conserva apeado. É dos Mouras Fogaças. O escudo é partido em palla. Na esquerda o brasão dos Mouras, sete castellos em tres pallas; num cantão sornistrado uma flor de lis. Na direita o brasão dos Fogaças: escudo franchado; no campo superior e inferior cinco pallas, nos lateraes em cada um uma fogaça.

† —Na quinta Nova, da casa Palmella, ha sobre o portão as armas dos Sousas. Escudo quartellado, no 1.º e 4.º quartel as armas de Portugal, no 2.º e 3.º quadernas de meias luas. Sobre o escudo um elmo e ainda sobre este um castello com tres torres.

—Na quinta Velha, da casa Palmella, sobre o portão da casa ha o brasão dos Coelhos. O escudo pende diagonalmente como que de duas correias, que saem de um elmo, que está de frente: no centro um leão; no canto esquerdo superior uma estrella de cinco raios; na orla cinco coelhos. Esta casa era o solar do morgado, fundado por Pedro Coelho, secretario do mestre D. Jorge e por sua mulher Margarida Cotta e que foi dos Sousas Calharizes pelo casamento de D. Leonor de Mello Coelho com D. Antonio de Sousa.

—Na quinta das Torres, sobre a porta principal do pateo, ha um escudo oval, cujo campo agora é occupado pelo monogramma do actual proprietario (Dr. Manuel Bento de Sousa). Até 1879 teve o brasão dos Côrtes Reaes, antigos senhores da casa. Escudo quartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas, mas era notavel que em vez dos chamados cinco dinheiros, cada uma das figuras continha dez e os castellos da orla eram nove. No 2.º e 3.º quarteis seis costas e no chefe uma cruz de largos braços.

—Na rua da Misericordia, á esquerda de quem sobe, está um portão, entrada da casa que faz esquina, e no seculo passado era de Fernando de Moraes Madureira Machado Pimentel; sobre esse portão ha o escudo do senhor da casa: póde encontrar-se a repetição em poder do Dr. Henrique da Gama Barros, procedente das ruinas do mosteiro de Santa Maria da Piedade e que estava no fecho do arco de uma das capellas da igreja derribada pelo terremoto de 1755. O escudo é quartelado, tendo o 1.º quartel partido em palla: numa a torre com bandeira, noutra

uma arvore [Moraes]; no 2.º quartel dois cães com uma flôr de lis na frente e por de baixo doze arroellas em tres pallas [Madureira]; no 3.º cinco machados em aspa [Machados]; no 4.º quartel cinco vieiras em aspa com a bordadura de oito cruces [Pimenteis].

—Na casa do despacho da freguesia de S. Lourenço existe uma cadeira de couro, que pertenceu ao mesmo fidalgo, e no espaldar tem um brasão com suas variantes: escudo partido em palla, na esquerda a torre e a mereira; a parte direita é quartelada, no 1.º e 4.º quartéis um leão, no 2.º e 3.º os lises.

—Em frente da quinta da Bassaqueira, entre muito lagedo ali disperso, existe uma lapide procedente da igreja dos dominicos e que cobria a sepultura de Fabio de Coxatti, capitão da guarda tudesca dos duques de Aveiro, D. Juliana e D. Alvaro. Tem um escudo oval, na bordadura oito aspas alternadas com lagrimas, no campo dois leões em pé e entre elles uma perna nua, no chefe tres estrellas de oito raios.

—Sobre o portico do palacio dos Aveiros resta ainda parte da corôa ducal; do escudo só existe a pedra informe, por ter sido picado depois da condemnação do duque Mascarenhas.

—Nos restos do vizinho mosteiro dominico está servindo de poial uma pedra com as armas dos Gamas: escudo com tres peças em faixa e cinco em palla. Era da capella que Duarte da Gama tinha na igreja.

—Em poder de Bernardino de Brito está um brasão, que fechava o arco de uma outra capella da mesma igreja. Escudo partido em palla: na 1.ª divisão as armas dos Coelhos atrás descritas; na 2.ª seis besantes numa cruz dupla; no centro uma cabeça que sustenta uma torre, que poderá ser a dos Farias, alcaides-mores de Palmella, entrados na familia dos Coelhos por D. Leonor, mulher de Antonio Coelho. Timbre: o leão com o coelho nas garras.

—Sobre o portão do pateo do palacio da Torre, dos Cunhas e Ataide, condes de Povolide e de Sintra, estão as armas dos Cunhas com a corôa de conde. No campo do escudo nove cunhas, na orla cinco pequenos escudos com as quinas. Era cabeça de morgado instituido por Ruy Gomes da Gran, governador da casa da *Excellentissima Senhora*, e veio aos Cunhas pelo casamento de D. Isabel de Meneses, filha do instituidor, com Simão da Cunha, senhor de Povolide.

—Na aldeia de Irmãos, sobre o portão da quinta da familia Gomes de Oliveira, avós do fallecido Oliveira Martins, ha um escudo com as armas dos Novaes Campos. O escudo pende em diagonal, é partido em palla: na primeira uma aspa occupa todo o campo, na orla oito pequenas aspas, sahindo da que occupa o canto superior esquerdo tres

folhas lanceoladas; na segunda tres cabeças de leão em roquete. Timbre: uma aspa. Inferiormente ao brasão lê-se 1722. Até além do meado do século XVIII existiram em Azeitão dois irmãos, o Dr. Antonio de Novaes e o Dr. Agostinho de Novaes Campos. Este, que era homem de merecimentos porque se lhe confiou a custodia dos jesuitas no paço dos Aveiros, falleceu repentinamente em 18 de Junho de 1765; seu irmão Antonio, em 8 de Fevereiro de 1781.

—Sobre uma porta do palacio da quinta da Conceição ha o brasão dos Cremer, igual ao que estava sobre o portico do palacio incompleto da quinta do Peru. Escudo partido em palla: na primeira uma ave, como cegonha, sustenta no pé direito erguido uma pequena esphera; na segunda, em baixo, um pequeno passaro, a meio uma estrella de cinco raios, mais a cima dois outros passaros e no canto superior esquerdo um lis. O brasão do Peru tinha no timbre uma ave igual á do escudo e por de baixo d'este, numa fita, a legenda *nunquam perfectum*. Antonio Cremer vein, pela guerra da successão, de Hespanha para Portugal por commissario geral dos almirantados das provincias unidas; foi depois pagador das tropas hollandesas, e, feita a paz, continuou em Portugal. Em 1725 arrematou o fabrico da polvora para o exercito, para a marinha e fornecimento geral do país, para o que estabeleceu officinas em Alcantara, junto a Lisboa. Em 1729 começou a laboração da fabrica de Barcarena com motor hydraulico, tudo obra de Cremer. D. Pedro II foi-lhe affeiçãoado e D. João V muito o distinguiu. Numa sala do palacio da Conceição ainda existem os retratos de Antonio Cremer e sua mulher D. Catharina Sophia Vanzeller, dama muito formosa.

—No fecho do arco do ediculo, em que se achava a urna cineraria de que atrás fallei, e que estava num pano de parede da derribada igreja dos dominicos, havia um escudo quartelado: o 1.º e 4.º quartos, quarteis nus; no 2.º e 3.º, um leão rompente [Silvas].

—Abandonado, mas que teria pertencido á capella dos Minas na mesma igreja, encontrou-se nos entulhos outro escudo quartelado: no 1.º e 4.º quarteis, as quinas; no 2.º e 3.º, um leão rompente.

—Em Sezimbra, na parede dos paços do concelho, por cima do chafariz publico que ali existe, ha uma pedra com brasão mal relevado. Não consta que a Sezimbra fosse concedido brasão de armas, mas tem-no, pelo que se vê: castello com tres torres; sobre a central uma aguia pousada; por debaixo, num campo, uma lebre que corre olhando para trás.

17. Imagens de pedra

A que por aqui conheço, digna de menção, acha-se na sacristia da igreja parochial do castello de Sezimbra e, não ha muitos annos ainda, estava exposta á veneração no altar-mór da igreja de que era orago, lugar e primazia, de que foi deposta por outra imagem de madeira. É no genero byzantino e acha-se pintada a côres. É de notar como as ideias dos tempos influiram na maneira de designar a mãe de Jesus. Quando no principio da monarchia portuguesa se edificou a igreja de Sezimbra, chamou-se-lhe de Santa Maria; assim eram as de Almada, Alcaer e Palmella. Sancho I, no seu testamento, legou dinheiros, ou objectos de culto, ás igrejas de Coimbra, de Alcobaça, de Lisboa, de Braga, do Porto, de Evora, de Viseu, de Lamego e a mais cem, todas da simples vocação de Santa Maria. Naquelles tempos Maria era a santa por excellencia; posteriormente julgou-se melhor dar-lhe título heril, e, como se a virtude não valesse mais do que o senhorio, todas as imagens de Maria foram chamadas de Nossa Senhora. Santa Maria de Sezimbra passou a appellidar-se Nossa Senhora da Consolação. De admirar é como depois ainda não lhe tenham dado o *dom*. Eu conheci um *explicadissimo* cantor de ladainhas, que, reduzindo a português o *Sancta Dei Genetrix*, dizia, muito a serio e conscio da sua grande perspicacia, *Santa Dona Eugenia!*

A veneração pela mãe do Christo vem de longe. Pela adaptação da basilica romana a templo christão foi o sanctuario collocado na *abside*. Pelo seculo XI ou XII, a *abside* cedeu o lugar a uma grande capella dedicada á Virgem Mãe. D'aqui vem chamar-se áquella parte do templo *capella-mór*, isto é a maior ou a principal. O velho português corrompeu a palavra *abside* em *obsia*, *oussia*, e *ousia*.

—A imagem de Santa Maria da Arrabida tambem não escapou á sorte commum, chama-se agora Nossa Senhora da Arrabida. Foi toda de pedra e estava assentada. Aos frades do mosteiro não agradou a posição e mandaram-na reformar, pondo-a de pé, e o que teve de acrescentar-se fez-se com madeira. Esta transformação deu causa a uma questão, na imprensa, como agora se diria, entre o chronista arrabido frei Antonio da Piedade e o auctor do *Sanctuario Mariano*, frei Agostinho de Santa Maria.

18. Imagens de barro

—Na freguesia de S. Simão as imagens do patrono, de S. João, e de Nossa Senhora da Saude são de barro, em grande vulto, mas de merecimento artistico, que se não avantaja.

—Na igreja parochial de S. Lourenço, como já atrás disse, ha uma bella imagem de Maria, de barro cozido esmaltado, genero das *Madonas* produzidas no seculo XVI pelos esculptores ceramistas italianos. É de proporções naturaes. No *Jornal do Commercio*, n.º 11:782, de 1893, dei noticia d'esta imagem.

19. Pinturas em tela

—Na mesma igreja existe um grande quadro, que fecha a boca da tribuna do altar-mór, servindo-lhe como de moldura o retabulo, que é de talha em carvalho dourada, estylo de fins do seculo XVII. O quadro representa a *ceia*. É desconhecido o outro; não deixava de ter, porém, merecimento, especializando-se nalgumas cabeças.

—Nas paredes da mesma capella ha mais quatro quadros emmoldurados em largas faxas de talha dourada. Representam passos da vida do orago da igreja; alguns parecem-me superiores ao antecedente e serem de procedencia hispanhola.

—No altar em que está a *Madona de terra cotta* ha dois quadros que representam os santos Francisco de Assis e Domingos de Gusman; são antigos, bordados a seda sobre panno e procedem do espolio da igreja dos vizinhos dominicos.

—Na igreja da Misericordia existe uma grande tela que representa a visita de Santa Isabel e marido á Virgem e S. José. É de 1763 e obra do pintor Francisco Pinto Pereira, auctor do Santo Antonio da capella do paço das Necessidades. Garante-lhe a authenticidade uma lembrança, que se acha lançada num livro do respectivo cartorio, em que o escrivão da Mesa, dando noticia das obras feitas na igreja por 1738, diz: «Em 17 de fevereiro de 1743 foi collocado na bocca da tribuna da capella-mór um quadro da Visitação de Santa Isabel, pintado por Francisco Pinto Pereira, tendo de valor 725000 réis, custou á irmandade 385400 réis porque o restante deu o auctor de esmola».

—No oratorio do palacio da Conceição ha duas telas bem conservadas, sem assignatura nem signal de auctor. Representam uma Santa Catharina, outra a Virgem. Não serão preciosidades, mas trabalhos bem correctos, e parecem do mesmo auctor. São de principios do seculo XVIII.

20. Custodias

Na igreja parochial de S. Lourenço existe uma custodia de prata sobredourada com o pé em fórma de calix e o tabernaculo a modo de templo, cuja cupula hemispheroidé é sustentada por quatro columnas. Não se lhe conhece nome nem marca de ourives. A visitação da Ordem

de Sant'Iago de 1534 já a menciona descrevendo-a assim: «Huma costodia de prata toda dourada de côr demxofre. O pé oitavado em bicos abertos, laurado de ramos e extremos. O nó do meio redondo damages, a charolla quadrada com quatro pillares e seu guardapó em sima, por remate huma cruz com um crucoficio. Dentro meia lua. Dois alfinetes e cadeas de prata branca. Pesou com as vidraças douse marcos e trez onças e tem huma caixa» A descripção é tão extraordinaria, que só á vista do objecto se vê o que é o pé citado, etc., o nó. . . damages, etc.

21. Outros objectos de culto

Na igreja parochial de Sant'Iago de Sezimbra ha uma naveta de prata com fórma dos navios do seculo XVI, com os seus castellos de pôpa e de prôa, que tem merecimento pelos annos que representa e por ser já pouco vulgar na fórma. Ha outra de latão, tambem de feitio pouco commum e com certa originalidade. Existe na mesma igreja uma cruz processional de prata, antiga, mas que não remonta aos tempos da naveta de prata. Já não tem haste, nem os respectivos tocheiros ou cereaes. Foi a que poude escapar á rapina dos franceses no principio do presente seculo. Em quanto durou a occupação inimiga esteve escondida numa sepultura da igreja. A base da cruz é quasi espherica e ornada de folhagem e cabeças de anjos, por de baixo tem um corpo de enormes dimensões de igual fórma e ornamentação; uma cinta estreita e apertada separa os dois corpos. Sobre aquella base ha uns ornatos singelos, como que para dar mais fixidez á cruz toda cylindrica terminada nos extremos superiores por capiteis corinthios. Na frente tem um Christo mal talhado. A base e adjunctos são de prata rebatida, os capiteis fundidos. Será trabalho do seculo XVII.

22. Tapeçarias

—Na Misericordia de Azeitão ha um tapete bastante grande, que parece de fabrica hispanhola, se não é artefacto nacional dos produzidos em Arraiolos. É antigo na casa e esteve por tempos em estimação, ignorantemente descurado depois, foi roído pelos ratos, está immundo e coberto de pingos de cêra, mas não é de todo perdido, nem falta de valor. Como um Aveiro, o marquês de Porto Seguro, foi dos fundadores da Misericordia, e todos os senhores d'aquella familia lhe continuaram protecção, é possivel, que o tapete fosse dadiva de alguns d'elles e, pelas ligações de todos com Castella, lembro-me que o tapete seja de procedencia hispanhola.

— Na mesma igreja ha uma casula tecida de seda e prata.

— Na igreja de S. Lourenço ha um frontal do mesmo tecido.

O que agora enumero tão curtamente, dava farta colheita ha meio seculo apenas. Azeitão era terra fidalga, como lhe chamou Oliveira Martins; nos seculos XV, XVI, e XVII regurgitava-lhe a fidalgaria nos seus palacios bem petrechados de precioso mobiliario e adornados de quanto de bom vinha da Asia e da Flandres. A queda do dominio hispanhol e a enthronização dos Braganças foi uma torrente forte, que rapido varreu aquellas gentes das suas casas de Azeitão, e da precipitação da retirada de envolta com a esperança do restabelecimento do passado resultou o abundante espolio abandonado á guarda de criados, que mal conheciam o valor dos objectos, que lhes eram confiados; a volta dos senhores foi-se espaçando, a morte levou-os sem voltarem a suas casas, os successores ignoravam por completo o que nellas ficára, e, pouco a pouco, quanto havia de bom passou a novos possuidores, que mal curavam, e que nem mesmo cuidavam da riqueza adquirida.

Ainda até meado do seculo actual era grande a quantidade de porcelanas da India por todas as casas ainda pobres, e em poucas tambem deixavam de encontrar-se ricas colchas e panos da mesma procedencia, que não condiziam com a qualidade, condição e têres dos possuidores. Por occasião da procissão *Corporis Christi* não se encontrava janella sem o seu cobertor de damasco, ou melhor tecido, mais ou menos rico, de formosas bordaduras. Era uma exposição capaz de chamar, agora, numero avultado de amadores. Á cama do hospede era sempre destinado um cobertor de damasco, ou uma colcha de seda. Ha ainda muito poucos annos um pano de Arrás fazia um corredor de passagem numa cozinha.

Tudo isto se escapou tão sorrateiramente, que não deixou rastros.

*

Aproveito o lugar para, como subsidios para a historia, dar noticia das tapeçarias e aleatifas dos Almadas da Casa da India, conforme um inventario de 1735.

D. Luisa de Eça Côrte Real, senhora do morgado de que era cabeça a quinta das Torres, em Azeitão, casou com Christovão de Almada. Tiveram filhos, que morreram sem geração e, por fallecimento de D. Luisa, o seu viuvo passou a segundas nupcias com D. Felippa Maria de Mello.

Christovão de Almada affeiçoara-se a Azeitão, e por aqui passava tempos.

Entre outros filhos, teve D. Maria Antonia de Almada, que succedeu na casa de seu pae e casou com D. Bernardo de Noronha. E, porque não tinham casa propria, adquiriram em 1696 a quinta da Mal-partilha, que D. Maria Antonia depois juntou ao morgado dos Almadás do Outeiro da Boa-Vista, em Lisboa.

Por morte de D. Bernardo, a sua viuva veio estabelecer residencia permanente em Azeitão.

Entre outros filhos, tiveram D. Theresa de Noronha, que, enviuvando de D. Antonio de Noronha, veio viver com sua mãe, assistindo-lhe á morte em 1720, e, passando depois para Lisboa, foi a primeira mulher de Sebastião José de Mendonça [como reza o inventario], mais tarde Marquês de Pombal.

A administração de D. Maria Antonia e D. Bernardo foi tão desregrada, que, a não serem os privilegios vinculares, a seus filhos succederia a miseria.

Sucedeu-lhes seu filho D. Francisco de Almada, nascido em 1700, casado em 1716 com D. Guiomar de Vasconcellos, filha do sexto conde da Calheta, e fallecido em 1730. Tomando aos 20 annos conta da casa, por morte de sua mãe, continuou o mau systema de administração usado por seus paes, e não deixou menores dividas, apesar das grossas rendas dos seus morgados, bens da corôa e ordens e provedoria da Casa da India.

O genio dissipador d'estes senhores ainda tinha o merecimento de consumir valiosas quantias em objectos de arte.

Como aqui tenho de fallar apenas de tapeçarias, limitar-me-hei a ellas, seguindo textualmente a descripção do inventario, para se poder julgar do seu valor no estado de conservação em que se achavam.

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão grande, de 7 panos irmãos, *da historia de Jacob*. Está muito damnificada. Tem de queda 5 covados e de roda 42 covados e uma terça, que faz de armar $211\frac{1}{2}$, que se avaliou cada *arma* no estado, em que está a 900 réis, que importa tudo 190,5350 réis».

— «Armação moderna de Raz fino de 6 panos irmãos *da historia de Ulysses*, que tem padrão e tem pelas cercaduras das cabeceiras arcos de flores e nas cercaduras de baixo umas Ninfas mettidas na agua. Tem uma damnificação de costuras e alguns buracos de traça, um d'elles tem um buraco podre no pescoço de uma figura. Tem de queda 5 covados e de roda $30\frac{1}{2}$ covados, que faz de armar $152\frac{1}{2}$, avaliada cada *arma* a 1,900 réis, que em todo importa ser 289,5750 réis».

— «Armação de Raz fino, antiga, de bom padrão, de seis panos irmãos e estes muito damnificados por terem alguns buracos de ratos

e costuras descosidas. Tem de queda 5 covados e de roda 36 covados, que fazem de armar 185, avaliada cada *arma* no estado, em que está a réis 1\$200, que a dinheiro importa em 223\$000 réis».

— «Armação de panos de Raz, finos, antigos, *de jardins e bosques* e muito vistosos, teem algumas damnificações. . . . e alguns buraquinhos de r.^{os} Tem de queda 4 covados e de roda 32 covados, que fazem de armar 128 covados. Cada *arma* no estado, em que está, a 1\$600 réis importa a dinheiro 204\$800 réis».

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão, de 7 panos irmãos *da historia de Gerião*. Está damnificada nos pretos e tem alguns buracos de r.^{os} com remendos e teem os ditos 7 panos tarjas redondas nos cantos. Cinco d'elles teem de queda 4 $\frac{1}{2}$ covados e 2 são de 4 covados de queda, teem de roda todos 32 covados, que fazem de armar 141. Avaliada cada *arma* no estado, em que está, a 1\$400 réis, faz tudo 197\$400 réis».

— «Pano de Raz, antigo, *de montarias*, está damnificado e tem um buraco grande roto no meio. Tem de queda 4 covados e sexma e de roda 5 $\frac{1}{6}$ covados, que se acha avaliado em 1\$600 réis».

— «Trez panos de Raz, velhos, desirmanados e um d'elles não tem cercadura, por uma ilharga, que foi cortada e todos 3 teem bastantes buracos de roçarem e outros de podres. Teem de queda 4 $\frac{1}{3}$ covados avaliado tudo em 2\$700 réis».

— «Sobreposta de Raz fino, de figuras, tem um buraco de ratos na cercadura da cabeceira e está damnificada redor pelos pretos. Tem de queda 3 covados e 2 $\frac{1}{2}$ covados. É forrado de. . . . azul, tudo avaliado em 1\$800 réis».

— «Pano de Raz grosso, moderno, de padrão curto, muito deformado e abatido de côres. Tem de queda 4 covados e de roda 6 covados avaliado em 6\$000 réis».

— «Entrejanella de Raz grosso, moderno, *de paizes*, tem algumas costuras descosidas. Tem de queda 4 $\frac{1}{2}$ covados e de roda 2 covados avaliado em 2\$000 réis».

— «Trez sobreportas compridas de Raz de rasgo rapado, antigas e muito damnificadas de buracos e costuras, duas feitas de panno curtado e estas duas teem de queda 3 $\frac{1}{2}$ covados. Teem de roda todas trez 24 $\frac{1}{2}$ covados, avaliadas no estado, em que se acham em 7\$200 réis».

— «Quatro sobreportas de Raz fino, *de figuras*, com suas cercaduras á roda; todas 4 irmans e estão damnificadas nos perfis pretos e as ourellas maltratadas. Teem de queda 2 $\frac{1}{2}$ covados avaliados em 24\$000 réis».

— «Quatro sanefas de Raz fino com *figurinhas pequenas* e guarnecidas de velludo verde e franjas de retroz verde, todas forradas e duas d'ellas teem uns buracos de ratos e teem de queda, de meio e de roda, todas quatro, 23 covados menos uma sexma, avaliadas no estado, em que estão, em 15\$000 réis».

— «Duas sanefas de Raz fino, antigas, irmans, 1\$500 réis».

— «Trez sobreportas de Raz fino, *de figuras*, que serviam de almofadas 4\$400 réis».

— «Sobreporta de raxa rapada feitas de trez folhas de almofada pegadas umas nas outras, *de figuras* e maltratadas nos perfis pretos e costuras. Tem de queda covado e meio e de roda quatro covados avaliada em 3\$000 réis».

Segui o texto do inventario, porque, alem de mostrar que não bastava uma armação de pannos de Arrás para adorno de uma sala, mas que havia quem possuísse collecções numerosas, marca-nos o seu valor na epocha, ensina-nos a maneira de os medir, chamando á altura *queda*, á largura *roda* e á medida quadrada *arma*. A falta d'estes termos não era sentida por se desconhecer já, mas importa á terminologia artistica e officinal, que, se ainda não é pobre, conserva-se apenas usada na officina e quasi totalmente ignorada cá fóra.

Continuarei ainda colhendo do inventario o que elle nos diz de *alcatifas e tapetes*.

— «Alcatifa da India, *de Dias*, moderna, com pouco uso, avaliada em 400\$000 réis».

— «Duas alcatifas da India, *de Dias*, modernas, com pouco uso, de bom padrão avaliadas em 900\$000 réis».

— «Duas alcatifas irmans, da India, *firmas de Dias*, modernas, bem matizadas de flores, com cercaduras verdes de rosas e e teem cadilhos de seda já desbaratadas e uma d'ellas com as *confrontações* declaradas a folhas 118 verso, avaliadas em 60\$000 réis».

N. B. Na enumeração das outras alcatifas ha mais referencias ás *confrontações* lançadas noutro lugar: não as achei, mas penso que por essa palavra se quererá dizer medição e descripção minuciosa.

— «Alcatifa da India, *de Dias*, etc. avaliada em 15\$000 réis».

— «Alcatifa da India, nova, *de Dias*, moderna, 19\$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias*, 24\$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias*, 12\$000 réis».

— «Alcatifa da India, *de Dias*, 12\$000 réis».

— «Tapete novo de Hollanda, feito no norte, com uma rosa grande no meio e é muito vistoso. Tem um buraco num canto de um palmo em quadrado, que se acha avaliado em 60\$000 réis».

—«Tapete de Hollanda, novo, 45\$000 réis».

—«Quatro tapetes pequenos da India, modernos, com cercaduras brancas, 20\$000 réis».

—«Alcatifinha da India, de Dias, nova, sem damnificação alguma e sem cadilhos, 16\$000 réis».

Deixaram de ser avaliados alguns objectos por estarem empenhados em casa de alguns credores e entre elles:

—«Alcatifa da India, irman de uma, que está em casa do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 240\$000 réis».

—«Em poder de Luiz de Mesquita Alcoforado umas portas de cortinas amarellas em caução de 81\$600 réis».

—«Em poder de Gabriel Valdez uma armação de panos de Raz de peñhor a juro de seis e quarto por cento da quantia de 144\$000 réis».

—«Em poder de Thomaz Corrêa Monção duas armações de panos de Raz em caução de 240\$000 réis».

—«Em poder de Simão da Silva Rebello duas alcatifas da India em caução de 69\$000 réis».

—«Duas alcatifas na mão do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 400\$000 réis».

Neste inventario, feito por obito de D. Francisco de Almada, faz-se menção de uma cama, que sua mãe lhe deu, por occasião do casamento, assim: «Leito de ebano com paramento de damasco carmesim com franja de ouro—uma colcha do *Malabar* com matizes de ouro—e outra colcha de matiz branco e franja de ouro—um cobertor de setim bordado de matizes—e toda a roupa, tudo da India».

O inventario seria objecto para lição demorada. Não deixa de ser interessante na parte descriptiva da galeria de quadros dos Almadás Carvalhaes; no emtanto limitar-me-hei ao que fica dito, porque mais não podia ter cabida nas respostas a um questionario, que lhe é estranho.

23. Inscrições

Na parte do questionario referente a *Antiguidades romanicas ou gothicas* pede-se noticia de sepulturas e inscrições.

Não sei que haja na península da Arrabida inscrição, ou sepultura da epoca requerida; não me parece, todavia, ocioso, nem fóra de proposito, dar noticia de quantas inscrições conheço, de tempos relativamente modernos e que já tendem a cair no olvido ou a desaparecer, quer de lapides erguidas, quer de campas sepulcraes.

— Sobre a porta do castello de Palmella, numa lapide, lê-se:

Reinando el rei D. Pedro II mandou fazer esta fortificação o duque do Cadaval, mestre de campo general junto á pessoa de S. Mag.^{de} mandando as armas de Setubal e Cascaes e sendo capitão general da cavallaria da côrte e provincia da Estremadura e dos conselhos de estado e guerra de S. Magestade e do despacho das mercês e expediente, presidente do tribunal do tabaco, mordomo mor da rainha D. Maria Sophia 1689.

Claro está, que esta fortificação é a exterior, accommodada ao uso de artilheria e novo systema de guerra.

— Na igreja dos freires de Sant'Iago, junto ao arco do cruzeiro, numa campa sepulchral:

Sepultura de João de Brito de Mello e de sua mulher D. Isabel de Barros Coelho e de seus filhos e descendentes.

Na mesma campa ha um brasão: escudo partido em pala; na 1.^a seis bezantes entre uma cruz dobrada [Mellos], na 2.^a nove lisonjas em 3 palas e em cada pala um leão [Britos].

— Junto do altar da epistola:

Sepultura de Manoel Lobo Teixeira e de sua mulher D. Josepha Ribeira.

O brazão d'esta campa é: escudo com 5 lobos em aspa, na bordadura 9 aspás.

— Do mesmo lado, no fundo da nave, ao lado da porta principal do templo, campa com brazão toscamente lavrado e a inscripção seguinte:

Aqui jaz Pero Lopes de Goes, fidalgo da casa do senhor mestre de Sant'Iago, duque de Coimbra, filho d'el rei D. João, foi cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e se finou a 15 de setembro de 1514.

— A meio da nave central:

Sepultura de Alvaro de Carvalho, cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Micia Romba, falleceu elle a XXI de fevereiro de 1584 e ella a X de dezembro da mesma era.

O brazão d'esta campa é: no escudo uma estrella entre uma quaderma de crescentes, no chefe um peixe e por de baixo a palavra — RÖBUS. Timbre, uma ave.

Na pedra que serve de porta ao carneiro, lê-se:

Feito por seu filho Francisco Romba de Carvalho. 1589.

— Na soleira do arco da capella, que ha a meio da nave do evangelho, lê-se numa lapide—S. DO LED.^o B.^{to} M., que poderá interpretar-se: «Sepultura do lecenceado Bento Martins».

— A seguir, noutra pedra da mesma soleira:

Aqui jaz Dom Mendaffonso de Lameide, prior-mor que foi da Ordem de Sant'Iago e falleceu aos XXIII de fevereiro de 1546.

— Ainda noutra pedra lê-se:

Aqui jaz D. Diogo de Gouvêa, prior mor que foi d'este convento e Ordem de Sant'Iago, do conselho de el rei D. Sebastião nosso senhor, embaixador d'el rei D. João III em o concilio de Trento. Falleceu n'este convento a 2 de abril de 1576.

— Na pedra junta ao pilar direito do arco lê-se: *Porta.*

Diogo de Gouveia, o moço, para o distinguir de seu tio do mesmo nome, foi em 16 de dezembro de 1538 eleito reitor do collegio de Santa Barbara em Paris, *por unanimidade e inspiração do Espirito Santo; era scientifica pessoa e gentil-homem perfeito.* No principio de 1540 deixou a direcção do collegio e em seguida a França.

— No tecto, logo por cima da porta principal do templo, no forro que veste o vigamento do côro, acham-se os seguintes versiculos:

- 1.º *Temperantia in pastus surgit anima.*
- 2.º *Charitas non sibi sed aliis.*
- 3.º *Liberalitas omnibus pervia.*
- 4.º *Constantia onusta virescit.*

— Logo ao sair do templo está uma campa com brasão. O escudo, em diagonal, é quartelado; nos 1.º e 4.º quartéis dois cardos floridos entre dois leões [Cardosos], nos 2.º e 3.º as armas dos Coelhos, já atrás descriptas. Timbre uma cabeça de leão com um cardo na bocca.

Por debaixo tem a seguinte inscripção:

Sepultura de Francisco Coelho Cardoso e de Beatriz Gomes sua mulher e de todos seus descendentes, que dantre ambos nacerem. O qual serviu as ordens de Sant'Iago e de Aviz em tempo do mestre D. Jorge e dos reis D. João III, D. Sebastião e D. Henrique e de secretario nos capitulos geraes, que em seus tempos fizeram estes princepes e assim de visitador das Ordens.

— No frontispicio do chafariz á entrada de Palmella lê-se:

Publicae utilitati | C. D. | S. P. Q. R. | sub auspiciis | Mariae I | MDCCXCII. |

Consultei no archivo municipal d'aquelle extincto concelho muitos livros das vereações, mas não achei a leitura das letras. Eu, para mim, li: *C(onsilium) ou C(ollegium) D(ecanorum) ou D(uumvivorum) S(ibi) P(osteris) Q(ue) R(efecit) sub auspiciis Mariae primae. 1792.*

— Um escudo das armas portuguezas encima o pelourinho da antiga villa e por baixo lê-se: *1645.*

— Ao redor do sopé da Cruz das Necessidades ou das Vendas [a primeira designação vem-lhe da capella que abriga a cruz, a segunda da aldeia proxima] de que atrás fallei tratando de cruzeiros, lê-se a seguinte inscripção em gothico relevado:

Per serviço de D. Vasco Qimado de Villa lobos fidalgo da casa de rey e goarda mor q. foy do ifante dõ P.º he camareiro e do cõcelho dos duques Filipe he Carlos de Burgoña mãdou poer aquy esta crus. era III.C.LXXVIII [1474] anos. Rogae a D.º per sua alma.

— Sobre a porta do pequeno forte da Arrabida lê-se:

Governando estes reinos e senhorios de Portugal o muito alto e poderoso principe D. Pedro, nosso senhor, mandou pelo marquez de Fronteira, do conselho de guerra, seu gentil homem da camara, veedor da sua fazenda, mestre de campo general da Cõrte, Estremadura, Cascaes e Setubal fazer esta fortaleza para defenza d'este porto santo da Arrabida e seus mares. Anno 1676.

Por ordem de S. M.ª foi tudo reedificado desde os alicerses, feitas as estradas de novo e se acabou em MDCCXCVII.

— No meio da igreja do mosteiro da Arrabida ha uma campa sepulcral que diz:

Este logar escolhev p.ª sev iazigo o exm.º sñor o duque D. P.º arcebispo e inqvizidor geral. falec.º em 25 de abril de 1673.

Este era o duque de Aveiro D. Pedro de Lencastre, que succedeu no ducado a seu sobrinho D. Raymundo.

— Na esphera, sobre que pousa a imagem symbolica de frei Martinho de Santa Maria, á entrada do mesmo mosteiro, lê-se:

Effigies fratris Martini a Santa Maria, qui in hoc Barbarico monte et sancto loco primum cænobium hujus sanctæ religionis capucinorum de Arrabida sic fundavit anno 1542 et Dominus Alvarus, quartus¹ dux de Aveiro et tercius patronus hujus sanctæ provinciæ ut memoria tanti viri et filiorum ejus in posteros permaneat typum posuit anno Domini 1622. Attendite ergo filii ad petram unde excisi estis. Isai. 51. V. I.

— Em El-Carmen, na parede de uma casa junta da capella, havia uma pedra com a seguinte inscripção:

Estas casas mandou fazer a irmandade de Setubal e se acabou a obra no anno de 1611.

— Numa lapide, que se achava por de baixo da urna cineraria na caida igreja do mosteiro de Santa Maria da Piedade, lia-se:

Nesta sepultura estão os ossos de Antonio da Gama do conselho de S. Mag.ª e de sua mulher D. Isabel da Silva, a qual mandou aqui pôr sua filha D. Antonia da Silva na era de MDC XIII.

— Noutra lapide encontrada nos entulhos na capella da Encarnação, da mesma igreja, lia-se:

¹ D. Alvaro foi o quarto duque da familia Lencastre, mas o terceiro na serie dos duques de Aveiro.

Esta casa de N. Senhora é obrigada a dizer duas missas cantadas e trez resadas por dia de Todos os Santos pelas almas de Alvaro de Mascarenhas e de Micia de Vasconcellos sua mulher, que aqui jazem sepultados, cujas santa gloria hajam.

— Numa campa de marmore da Arrabida lê-se:

Aqui jaz Alvaro de Mascarenhas.

— Noutra igual:

Aqui jaz a devota Micia de Vasconcellos.

— Numa pequena lapide de marmore branco lia-se:

Sepultura de Henrique Pereira, commendador-mór da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Isabel Pereira, os quaes fundaram esta capella e a dotaram com missa quotidiana.

— Numa lapide ellyptica de marmore branco, caiada de vermelho, lê-se:

Aqui jaz o padre frey Estevam Leitão pae d'esta provincia, falleceu a 22 de março de 1537.

— Numa campa de calcareo branco, com um brasão de que atrás tratei, lê-se:

Sepultura do capitão Fabio de Coxath, cavalleiro professo da Ordem de Christo, alcaide-mor de Castro Verde e de D. Paula, sua mulher, já defuncta e herdeiros¹.

— Numa lapide grande procedente da mesma igreja, lê-se:

Esta capella é de Joronyma da Silva, dona viuva, que ficou do licenceado Diogo Gomes, ouvidor que foi das commendas do mestrado de Sant'Iago e villas e das terras do infantado do ducado de Aveiro, onde falleceu servindo o dito cargo e se mandou enterrar na sua capella de S. João Baptista na egreja de S. Domingos da dita villa, onde ordenou se lhe dissessem cincoenta missas cada anno com esmola consinada em certa fazenda, que n'ella tem — E n'esta capella de N. S.^ª das Neves se mandou enterrar a dita instituidora d'ella com suas filhas donzelas e do dito seu marido Maria Gomes da Silva e Felippa Pinta e mandou que do dia em que Deos for servido leval'a para si em deante se lhe diga n'ella missa quotidiana por suas almas para o que deixa renda e fabrica, como consta do seu testamento².

— Numa campa no corredor da sacristia para a velha igreja, lê-se:

Aqui jaz Francisco Ferreira secretario do duque D. Jorge.

¹ O capitão Fabio falleceu a 26 de novembro de 1631.

² O ouvidor Diogo Gomes baptizou uma filha, Maria, em 9 de novembro de 1626.

—Num nicho á parte direita da mesma sacristia, lia-se:

Hic iacent ossa sor. Isab. Bragançæ.

—Na campa que occupava o centro da casa do capitulo, lia-se:

Aqui jaz Ruy Gomes da Grãa, que foi governador da Excellente Senhora, do conselho d'el rei e D. Maria de Menezes, sua mulher, que foi camareira da mesma Senhora.

Estes conjuges instituiram o morgado da Torre em Azeitão e que pertenceu aos condes de Povolide, de Sintra e ultimamente de Valladares.

—Na mesma casa do capitulo ao lado da epistola noutra campa, lia-se:

Aqui jaz Tristão da Cunha.

Era neto de Ruy Gomes da Grãa.

—A capella do evangelho, que formava um dos braços do cruzeiro da igreja, era a sepultura dos marqueses das Minas. No centro havia uma grande campa de marmore raiado de branco e vermelho, em roda uma larga tarja de basalto preto; não havia nella qualquer inscripção ou escudo de armas. A lapide já não existe, mas sob o entulho ainda estará o carneiro e as ossadas do 1.º marquês das Minas, D. Francisco de Sousa, que foi embaixador de Pedro II ao papa Clemente, depois de ter feito com brilho as campanhas da restauração: era filho de D. Antonio de Sousa, nascido em Azeitão e baptisado em S. Simão a 17 de outubro de 1615 e de D. Maria Telles de Meneses; a ossada do 2.º marquês, D. Antonio Luis de Sousa, commandante do exercito colligado, que entrou em Madrid a 25 de junho de 1706; e os restos do 3.º marquês D. João de Sousa, que fez as campanhas de Castella e foi morto em Lisboa em 1722. A campa foi tirada do seu lugar pelos annos de 1872, e ainda d'ella conheço restos que formam uma janella elliptica.

—No sino do mesmo mosteiro, e que actualmente se acha no campanario da igreja de S. Lourenço, lê-se;

Sendo prior frei Theodoro de S. Joana de Vasconcellos. Anno 1768.

Na igreja parochial de S. Lourenço, sobre os estrados da capella-mór, ha 14 campas com inscripções. Partindo da porta da sacristia lê-se: na

—1.^a *Aqui jaz Luiz Antonio que esta terra mandou e ninguem se aggravou d'elle. Falleceu a 31 de maio de 99 [1599] E jaz tambem Antonio Barrocas seu genro. É dos herdeiros de ambos.*

—2.^a *Sepultura de Pero Pinheiro e seus herdeiros. 1581.*

—3.^a *Sepultura de Anna Fernandes de Mesquita, sogra de Alvaro Nunes. 1569.*

—4.^a *Sepultura de Fr..... Alvares mariscal do duque de Aveiro e de seus herdeiros. 1561.*

—5.^a *Sepultura de Estevam Barreiros e de Mecia Dias, sua mulher, a qual mandou fazer seu filho Estevam Barreiros, cavalleiro fidalgo da casa de elrei nosso senhor. Era de 1591 annos.*

—6.^a *Sepultura de J.^o P.^o cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de} e de sua mulher Simôa Corrêa e de seu filho, a qual campa mandou pôr seu filho Manoel Correa P.^o cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de}.*

—7.^a *Sepultura de Luiz Alvares e de Maria Philippe sua mulher e herdeiros.*

Aos pés d'estas sepulturas ha outra ordem de campas:

—1.^a *Sepultura de Duarte Serrão e de sua irman Brites Antunes, qua falleceu na era de 1594.*

—2.^a *Sepultura de Gil Fernandes Tavares fidalgo da casa d'el rei e de seus herdeiros.*

—3.^a *Sepultura de Gaspar Dias e seus herdeiros.*

—4.^a Fica no centro aos pés da 3.^a anterior e não tem inscripção.

—5.^a *Sepultura de Custodio Pereira, sua mulher e herdeiros. 1616.*

—6.^a *Sepultura de Diogo Pires e seus herdeiros.*

—7.^a *Sepultura de Antonio Niculas.*

Junto do cruzeiro do adro da mesma igreja está coberta pela terra uma campa, em que se lê:

Sepultura de José Felix Falcão cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de}

Este cruzeiro, que substituiu o primitivo [1344] derribado por um temporal em 1724, tem gravadas as mesmas letras do anterior—*F. S. V. M.*, que uns lêem *F(vit) S(alvator) V(niversi) M(undi)*, outros *F(ilius) S(emper) V(irginis) M(ariæ)*.

—Num sino da torre está escripto:

Este sino deu Francisco Ferreira de Sousa sendo juiz da irmandade do Santissimo em o anno de 1784.

—No pelourinho da Villa Nogueira, na face norte do fuste da columna, lê-se:

Fidelissima regina D. Maria imperante senatus creavit. Anno 1786.

*

Na igreja parochial de S. Simão havia bom numero de sepulturas com campas, entre outras a dos Ferreiras de Passos, um descendente dos quaes foi ha poucos annos administrador da casa de Bragança; com as reformas da igreja, porém, todas as campas teem sido tiradas,

ou mudadas de lugar. Numa pedra ainda se encontra a seguinte inscripção:

Sepultura de Estevam Pegado de Valladares e de sua mulher D. Dorothea. 632.

Aproveito o lugar para desfazer um logro, que está preparado para os incautos, nuns manuscriptos que se encontram na Bibliotheca Nacional de Lisboa e que pertenceram ao theatino D. Manoel Caetano de Sousa.

Fallando da igreja de S. Simão de Azeitão, escreveu D. Manoel: «Affonso de Albuquerque fundou a igreja de S. Simão de Azeitão e Nuno de Mendonça está enterrado na freguesia de S. Simão no lugar, em que hoje está a tribuna».

Um falsario qualquer, querendo dar aquella igreja por depósito das cinzas illustres do grande homem, aspou as palavras precisas para alcançar o seu intento; comtudo não o conseguiu, porque eu pude ler através dos traços, o que primeiro se havia escripto, concorrendo para isto as tintas, que eram diversas e que o tempo em vez de amalgamar mais distinctas tornou.

*

Na igreja parochial de S. Pedro de Palmella, junto ao guarda-vento, á esquerda, numa lage do chão, lê-se:

Miserere mei. Debaixo d'esta pedra elegu jazigo e o pede a S. M.^{de} por esmola Luiz Feio Barrocas prior d'esta egreja de S. Pedro, em cujo tempo foi reedificada por el rei o S.^r D. João V das cinzas, a que a reduziu o lastimoso incendio, que n'ella houve em 10 de abril de 1713 sem lhe deixar pedra, que pudesse servir; e cuja obra durou até o anno de 1747.

—Na entrada do mesmo templo ha as seguintes inscripções:

Sepultura de Antonio Ribeiro e de sua mulher e de seus herdeiros. 1598.

Sepultura de João A.^o Moscacho, de sua mulher e herdeiros. 1604.

Numa campa na capella junta á sacristia da igreja dos freires de Sant'Iago lê-se:

Capella e jazigo do prior Paulo de Paiva Freire.

—Na capella da quinta do Anjo, e que hoje pertence á casa dos duques de Palmella, ha uma campa em que se lê:

N'esta capella se mandou depositar o padre Jacintho de Mello descendente dos senhores d'este morgado da Fonte do Anjo para ser trasladado para a capella maior do convento dos padres agostinhos, a que



deixa dado principio na villa de Setubal, tanto que capaz de se poder fazer esta trasladação.

— Sobre a porta de um terraço, da casa da commenda de Monquellas, junto da Ajuda, propriedade do conde Armand, ha uma lapide com a seguinte inscripção:

Esta plataforma de S. João pelas utilidades, que d'ella se conhecem para a defenza d'este porto, villa e castello, mandou fazer aqui João de Saldanha, governador das armas d'esta villa e sua comarca. Desenhou Sebastião Pereira Frias, engenheiro de Sua Magestade. Anno 1680.

— Sobre o portão da quinta do Dr. Francisco Carlos da Silva Campos foi posta uma lapide, encontrada enterrada, em que se lê:

Deo adivvante labore meo que hoc mihi contingit. 1580.

Na costa do Espichel, proximo da Baleeira e da fortaleza da Baralha, quasi junto ao mar, ha um lugar chão, aonde se vêem umas paredes desmantelladas e restos de construcções: são os destroços de uma ermida do Senhor Jesus dos Navegantes, que já ali existia em 1741 e de uma casa conventual, que uns homens, que se davam a titulo de monges, ali quizeram estabelecer em fins do passado seculo, e d'onde foram expulsos em 30 de setembro de 1792 pelo corregedor de Setubal e juiz de fóra de Sezimbra, em virtude do decreto do dia 8 de agosto, que baixou da Junta da casa do Infantado. As imagens foram levadas para a igreja de Santa Maria do castello e ainda hoje alli se festeja a imagem de Jesus dos Navegantes.

— Encontram-se no lugar do pequeno mosteiro, derribado pelo tempo, tres pedras trabalhadas; uma tem:

Imagem de Christo de tosko meio relevo, que mostra haver estado assente na face de uma parede.

— Noutra pedra, tambem por alli abandonada, lê-se:

Jesus, Maria, José, quem vos ama vosso é. P. N. A. M.^a pelas almas.

Sobre esta inscripção ha uma figura das almas toscamente aberta na pedra.

— Em outra lê-se:

Luz é Christo, Christo..... [palavras que não podem ler-se]. 1751.

*

— Sobre a porta de uma casa inferior de uma bateria cylindrica da fortaleza do Cavallo, que defende a bahia de Sezimbra, numa grande lapide, lê-se:

Reinando D. João IV em Portugal e mandando as armas o principe D. Theodosio e as de Setubal e seu partido João Nunes da Cunha se esta fortaleza de S. Theodosio, sendo capitão-mor Francisco de Mattos Machado, vedores o juiz de fora Francisco Salgueiro de Moraes, Manoel Carvalho de Vargas, Manoel Farto de Oliveira e Antonio da Cruz da Silva, engenheiro Sebastião Pereira Frias. Anno de 1652.

— Sobre a porta principal da fachada leste do palacio do Peru, proximo de Azeitão, lê-se:

Ego Antonius Cremer plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit.

— Sobre a mesma porta, pelo lado interior, numa grande lapide por de baixo de um nicho aonde estava uma grande estatua de madeira, lê-se:

*Em Hollanda me arnei de caçadora
e, vagando por bosques dilatados,
cheguei, de varios climas vencedora,
á ferosa dilicia d'estes prados,
aonde, da fragante e bella Flora
dôcemente bemquista nos agrados,
faço, por circumstancias tão discreta,
ociosa juntamente aljava e seta.*

— Numa lapide sobre a porta da pequena capella ou oratorio do palacio da Conceição, proximo do antecedente e construido pelo mesmo Cremer, lê-se;

*D. O. M. | Nec non | Intemeratæ conceptioni | immaculatæ Virginis
deiparæ | sacellum hoc | D.^{na} Antonius Cremer | Ordinis Christi eques |
rei archithalassicae | unitarum Belgii regionum | ab omnibus negotiis
in Lusitania | ut et | uxor ejus carissima | D.^{na} Catharina Sophia Van
Zeller | erexerunt | in devotionem tum propriam quam vicinorum | præ-
terea edificarunt adjunctas ædes | ad otium proprium | ac | quos Numen
benigne concedat | ad vitam quietam posterum | quam ob rem hortum
quoque hic plantarunt | ipsis kalendis maii MDCCCXV | quando pax
publicaretur | inter Lusitaniam et Hispaniam | lapis fundamentalis po-
situs est | ac die VIII septembris ejusdem anni | primæ cerimoniae | ibi
religiosissime sunt habitæ | Accipe Virgo tibi quas sacravimus aras | nec
espernas parvum Diva benigna donum. |*

O que em portuguez será:

«D. Antonio Cremer, cavalleiro da Ordem de Christo, almirante dos Países-baixos encarregado geral dos negocios de Portugal, e sua mulher muito querida D. Catharina Sophia Van Zeller, tanto para

satisfazerem a propria devoção como a dos vizinhos, levantaram este pequeno templo a Deus bom e grande e á pura conceição da immaculada Virgem Mãe de Deus. Edificaram mais as casas juntas para seu repouso e plantaram o jardim. Oxalá que os seus descendentes possam gozar tudo em descanso. A pedra fundamental foi lançada no primeiro dia de maio de 1715 depois da publicação do tratado de paz entre Portugal e Hispanha e no dia 8 de setembro do mesmo anno tiveram lugar na capella os primeiros officios religiosos. Acceita, ó Virgem, estes altares, que te consagramos e não desprezes, Deusa Benigna, a pequena divina».

*

— Sobre a porta principal do palacio de Calhariz lê-se:

Di riposo e di pace albérgo vero.

— Sobre o fogão monumental da *sala dos veados*, do mesmo palacio, ha uma Diana com uns cães atrellados, e num ovulo lê-se:

Frigora pelle die venatu, nocte camino.

Sint gratae silvæ, sit tibi grata domus.

— Na architrave de um templo octostylos, no monticulo de um lago da mesma quinta, lê-se:

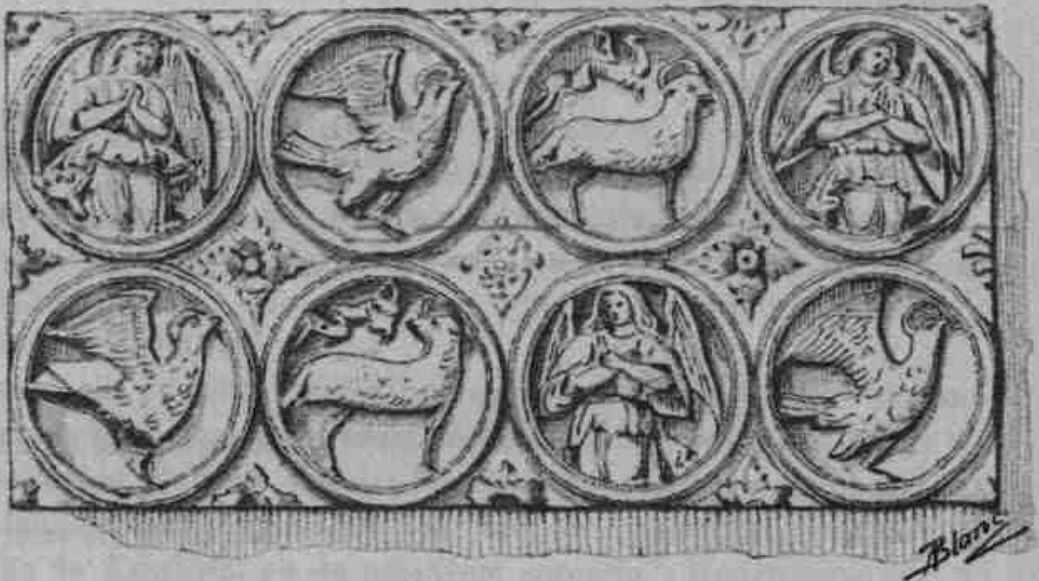
Primo Palmelli duce filii tali patre superbientes dicaverunt VIII id. mai. CIOI CCCXLVIII.

24. Antiguidades a que não póde marcar-se origem conhecida

— Aproveito o lugar, por não ter outro melhor no questionario, para dar noticia de uma lapide ornamentada, que existe no chafariz da aldêa Rica, em Azeitão, cuja procedencia desconheço e nem sei de que fizesse parte. Para o chafariz deve ter vindo em fins do passado seculo.

A lapide é de marmore branco e mede 0^m,88 de largo por 0^m,44 de alto. Como se vê, são dimensões sujeitas ao palmo portuguez. Tem 8 medalhas circulares com suas molduras, que se tocam, e nos intervallos dos circulos uns pequenos florões. Dentro de cada medalha vê-se uma imagem em alto relevo, bem proporcionada ao campo em que foi lançada. As medalhas são em duas linhas sobrepostas. Começando da linha superior e da direita para a esquerda, as figuras são: 1.^a anjo com asas abertas, 2.^a uma ave, 3.^a cordeiro como o *Agnus Dei*, isto é com o lábaro, 4.^a repetição do anjo, 5.^a da ave, 6.^a do cordeiro, 7.^a do anjo, 8.^a da ave.

AZEITÃO



Lapide no chafariz da aldêa Rica

—Sobre o portão da quinta do Visconde de Montalvo, em Alferraz, proxima a Setubal, está outra lapide igual. Nem uma nem outra foram feitas de proposito para os lugares que occupam, mas aproveitadas para ornamenta-los.

25. Montes fortificados

Na vertente septentrional da serra da Arrabida ha um monte chamado de *Alivide* ou *Olivide*. Parece de uma só pedra, é nu, alveja ao longe como lençol gigante estendido na serra.

É mais vulgarmente conhecido por *Castello dos Mouros*, ou *Jogo dos Mouros*, de umas construcções cyclopicas, que no monte existem, e apresentam toda a rudez dos tempos prehistoricos¹.

A uns 10 metros do cume um paredão de enormes lages, arrancadas da escarpa, formam suporte a um terraço de 50 ou 60 metros de extensão por 6 a 8 de largo. Não se divisam nas lages signaes de instrumento metallico, que servisse para o arranco ou desbaste. O paredão é tecido por camadas horizontaes sobrepostas ensossas. Se pelo norte é inacessivel, pelo sul protege o terrapleno a muralha natural, que fórma a crista do monte.

Nunca alli encontrei cousa que dêsse noticia de estação humana nos tempos mais desviados, como fragmentos de barros, quaesquer instrumentos de silex, ou objectos semelhantes; verdade é, tambem, que nunca alli fui como explorador, mas apenas por desvio propositado do caminho da Arrabida, ou de passagem caçando.

É tradição, nos que chamam ao monte *Jogo dos Mouros*, que no terrapleno havia umas argollas de bronze, como as do jogo do aro, mas isto vem de envolta com contos tão phantasiosos de mouros e mouras encantadas, que tiram todo o credito á narrativa tradicional.

Poderá ter-se a construcção como lugar fortificado dos mais antigos e incultos habitadores da peninsula da Arrabida.

—O castello de Coina, *castellum Caunæ* «muros de Couna». O viajero, que de Azeitão segue para a Arrabida pelo caminho de El-Carmen, encontra, logo ao sair da aldeia de Irmãos, o *porto de Cambas*, o rasgamento mais cavado da cordilheira de montes, que pelo norte defronta a serra da Arrabida. No fundo do valle corre a estrada a par do ribeiro, e a meio, dirigindo-se ao poente, está o *valle de Coina*, que dá accesso á planura superior. As ribas septentrionaes d'este ultimo valle são penedias cortadas a prumo, algumas das quaes corroi-

¹ Cf. *O Arch. Port.*, II, 320.

das pelo perpassar dos tempos já formam cimalthas, outras são perfeitas alpendradas. As ribas do sul, cobertas por exuberante vegetação de carvalhos, zambujeiros e espessos carrascaes, formam as escarpas abruptas do monte, cuja cumieira occupa os restos de uma fortaleza e dos muros de cinta de uma extincta povoação.

O monte é escarpado e de difficil accesso pelo norte, leste e oeste. Na maxima parte a rocha nua e talhada a prumo fórma uma muralha natural de alguns metros de alto. No sopé d'esta rocha do oeste encontra-se uma linha de *matmoras* dispostas a pequenas distancias entre si. Era sempre esta a situação dos celleiros arabes, tanto que até os expugnadores de Silves se aproveitaram em 1189 de uma *matmora* para principio da mina, que cavaram por de baixo das muralhas da praça.

A cumieira é chata e vasta, inclinando-se ligeiramente, e alargando-se para o norte. Em toda a sua aresta exterior vê-se o tecido de um muro argamassado, que já se não eleva ao terreno interior.

No extremo sul e mais elevado, estão as ruinas do castello e na ponta, que para alli se alonga, porque faltava a muralha natural dos rochedos, cavou-se um valle, ainda hoje bem visivel. A crista do monte, aqui, por aguda, poucos assaltantes comportaria; todavia, como lugar mais fraco, levantou-se nelle uma torre quadrangular de 9 metros por 6 de face para defendê-lo.

O assento da torre é de rocha branda, e um maciço de alvenaria, especie de talhamar, que reveste os fundamentos para o lado do fosso, pôde fazer crer que a torre soffreu um ataque, no qual os inimigos tentaram solinhá-la, havendo por isso depois de proteger-se-lhe o sopé.

A distancia de uns 30 metros d'esta torre, sobre a escarpa leste, vêem-se restos de outra de menores dimensões e parece que aqui tinha fim o castello; no angulo opposto, um montão de pedras e entulhos mostra ter havido no lugar construcção avolumada, talvez outra torre.

O recinto pôde dizer-se um triangulo de 25 metros de base por uns 40 de altura. Os muros teem 1^m,20 de espessura, e, pelo leste, a distancia variavel de 2 a 5 metros, conforme a disposição da encosta de declive rapido, ha outro muro exterior, que sae do angulo da primeira torre e se extingue proximo da outra extrema. Do lado opposto tambem se encontram restos de muro exterior.

Dentro d'este recinto muralhado um carrascal espesso não permite a exploração do terreno, nem ver fundamentos de mais construcções. Podia ser muito interessante uma exploração alli bem ordenada, porque o castello seria dos demolidos na erupção mourisca de 1191 e nunca soffreu reparação.

Quasi a meio do castello vê-se a cisterna, cuja abobada de alvenaria commum está por terra até aos rins, vendo-se-lhe as fórmulas das tábuas dos simplices, que serviram para o seu tecimento. A cisterna mede 8^m,40 por 6^m,30; tem de alto ao eixo da volta 3^m,40 e ao fecho 6^m,44. É toda aberta em rocha, as paredes são revestidas com emboço ordinario e sobre elle uma camada de cimento composto de cal, saibro e barro cozido reduzido a meudos fragmentos, coberto ainda por um tenue revestimento vermelho, que parece dado a pincel.

A encosta leste do monte é de inclinação rapida, e o valle corre fundo; as encostas do norte e oeste são talhadas quasi a prumo, como já disse, e do mesmo modo são as dos montes fronteiros, formando assim um fosso largo e fundo, que as béstas, virotões e mais armas de arremesso, no tempo usadas, mal poderiam atravessar.

Nos sitios, aonde os muros não assentavam sobre a muralha natural dos rochedos, os fundamentos desciam a encontrar a rocha. Para o systema de guerra usado, Coima era vantajosamente situada: só vulneravel num ponto, e bem limitado, bem se prestava á defeza. Os habitantes circumvizinhos nella encontravam proximo e formidavel abrigo.

A fortaleza, como disse, occupava a parte mais eminente do monte; os muros de cinta da povoação, porém, estendiam-se a todo o planalto, de onde desapareceu por completo todo o material das construcções, encontrando-se apenas por alli cacos de telha e pedaços pequenos de tijolos de argillas de côres diversas. Quem entrar tambem no recinto muralhado da antiga villa de Sezimbra, assento de uma importante povoação e que em fins do seculo xv era apenas decadente, pasmará dos insignificantes restos de tantas habitações, dos paços municipaes, do açougue [mercado], prisão, albergaria, etc.

O castello de Coima collocado naquella monte estava de molde para dar e receber soccorro de Sezimbra e de Palmella, guardava a passagem das forças, que pelo valle do sul se dirigissem a alguma d'aquellas fortalezas, ou que, desembarcadas no Portinho da Arrabida, quisessem pelo porto de Cambas penetrar nas planicies, que se desenvolvem até ao Tejo e dava abrigo de valia e commodo aos habitantes da região circumvizinha. E esta acolhida a recinto fortificado, mesmo d'aquelles que ali não tinham residencia, era facto tão commum em todas as correrias, que na entrada de Abor em 1189 ali foram encontrados em massa os povos circumvizinhos, que experimentaram a dura sorte dos vencidos e o mesmo se deu na tomada de Silves.

O velho castello tem, como todos, as suas lendas e historias de encantamentos, com que as nossas avós á lareira, á noite, entretinham os seus netinhos, em quanto se assava o ovo com a competente cus-

pidella, para que não estallasse, e a applicação da receita, requerida por um netinho bregeirote, a determinada parte da avózinha para evitar tambem os estallos. No repertorio d'estes contos vinha sempre a historia das tres casas subterraneas do *Casal do Bispo*, deixadas pelos mouros, uma cheia de armas, que já fôra aberta [a cisterna], uma com peste e outra com ouro, em que ninguem se atrevia a bolir, porque, dando-se com a da peste, a mortandade seria immensa, a começar pelo explorador.

O monte, e toda a propriedade de que faz parte, é conhecido desde meado do seculo XVI pelo nome *Casal do Bispo*. Era da casa dos marqueses de Villa Real, e em 1545 foi comprado por D. Belchior Beliago, bispo de Fez¹, que, proximo e ao sul do castello, edificou uma casa de habitação, em que residiu, e officinas agrarias, tudo ainda de pé. Em Azeitão ha muito quem desconheça o castello de Coina, mas todos sabem aonde é o Casal do Bispo.

Em 1188, pelo testamento de D. Sancho I, ainda o castello de Coina era capaz de ser thesouro real; nelle guardava o rei alguns dinheiros que destinou ao mosteiro de Santa Cruz, aonde quis sepultar-se; e de outros dinheiros que tinha em diversos lugares mandou que se applicasse a quantia necessaria para a construcção dos muros e municionamento de Coina.

Ao nascente da fortaleza derruida, e alem do valle de Cambas, fica um monte conhecido pelo nome *do Facho*. É sabido que os fachos e fumaças eram os meios empregados para a communicação rapida de determinadas noticias e signaes da vista ou approximação do inimigo, e era de certo d'este monte, que se davam avisos a Sezimbra e Palmella, e nelle estavam as atalaias de Coina. Ao nascente do castello de Sezimbra tambem ha um monte *do Facho*, e outro para os lados do Espichel, para noticias e vigia do mar.

A propriedade, em que está o castello derribado pertence actualmente [1896] ao conselheiro Mariano de Carvalho.

26. Castello de Sezimbra

Chama-se hoje castello de Sezimbra não só á fortaleza que está no cume do monte, mas a toda a cêrca de muralhas, que cingiu a velha

¹ D. Belchior Beliago estudou em Paris, foi professor de philosophia no collegio de Santa Barbara, recolheu-se a Portugal antes de meado o seculo XVI, regeu uma cadeira de humanidades em Coimbra, professou theologia, e escreveu em latim, fazendo-se notavel pela elegancia da linguagem.

povoação; no entanto bem póde ainda distinguir-se a cidadella, ou castello, e o recinto fortificado que protegia a villa extincta. Na disposição do conjuncto e nas construcções muito haverá de mourisco. Sancho I teve de refazer o castello, e na torre de menagem a ogiva da abobada com as suas nervuras artesoadas testemunhará a obra do filho de Afonso Henriques.

O castello pousa num cerro pedregoso; o planalto do monte, sôto de todas as elevações circumjacentes, é tão vasto, que ali abrigou população numerosa. Os muros assentam na aresta dos penhascos, ou nas vertentes da cumieira forte por natureza. Na parte mais eminente está a cidadella aonde campeia a torre de menagem carcomida pelos seculos e, orgulhosa do seu valor, cairá sem se dobrar. Tres torres menores guardavam este recinto fechado por altos muros com parapetos ameados e aseteirados; duas outras torres protegiam a porta de pleno cimbri, sobre a qual os defensores podiam combater. Dentro ha uma cisterna quasi totalmente obstruida e algumas paredes da habitação do alcaide derribadas até ao primeiro pavimento.

Os muros da extincta villa ligam-se ao castello, e proxima fica a *porta do sol* aberta ao nascente, como o seu nome indica; é tambem de pleno cimbri e guardada por duas torres. A muralha segue pequeno espaço para o sul e torneja para o occidente pela aresta da cumiada a entroncar numa alta torre de dois andares, que fechava a villa no extremo opposto ao castello.

Um velho documento falla mais de uma vez na *torre nova* a modo de parecer ser esta a que me refiro, a sua construcção mesmo indicará epocha diversa da torre de menagem.

D'aquella torre o muro retrocede a encontrar de novo o castello, ficando-lhe a meio a *porta da Azoia* igual á *do sol*.

O castello teve uma *poterna*, que daria para o norte; desconhece-se-lhe já o sitio, mas documentos insuspeitos do seculo XV accusam a sua existencia: Diz um: *Herdade de pão da dita abergaria, que o concelho traz aforada grandes tempos ha para rocio da dita villa a qual herdade já a par da poterna assô os muros da dita villa.*

Dentro no planalto, que foi assento da velha Sezimbra, ha duas grandes cisternas cavadas na rocha e cobertas de abobada, cuja agua servia para abastecimento dos habitantes da povoação. Fóra dos muros, a um kilometro proximamente, ha uma pequena nascente, que pouco auxilio poderia dar.

Ao nascente do castello ha um monte elevado e que ainda se chama *do Facho*; para os lados do Espichel ha um outro da mesma designação, ambos á vista do castello; eram de certo estações de atalhias e de onde

por almenaras os vigias davam signal dos inimigos, que se aproximavam por terra ou navegavam nas costas do oceano.

O monte que, pelo nascente, mais proximo fica do castello e aonde existe um moinho, construido haverá quarenta annos, é chamado *ca-beço da forca*; conheci alli dois altos pilares, em que se justicavam os criminosos, julgados pelos juizes da velha Sezimbra.

27. Castello de Palmella

Pretende-se que Palmella venha de longas eras, que fosse restabelecida pelos romanos, e até ha quem queira que Aulus Cornelius Palma a levantasse no anno de Roma 859 [anno de Christo 106] e que do edificador lhe venha o nome.

A. Cornelio Palma foi consul em 89, voltou ao consulado em 109 e neste intervallo teve o governo da Syria, aonde esteve occupado na conquista da parte mais septentrional da Arabia, submettendo-a, tomando Pearsa e expulsando os seus reis. É isto o que nos diz a historia, mais de crer do que estes genesis inventados para os accommodaticios crentes. O nome parece denunciar origem latina, mas por quantas transformações pôde ter passado para nos chegar *Palmella*!

Palmella, na baixa latinidade, era a formula usada nos mercados, em que comprador e vendedor se davam as mãos direitas em signal de firmesa, ou fé do contracto ou ajuste. *Palmella* seria tambem, o que agora se diz *punhado, mão cheia*, de sal, de linho, ou outra cousa. *Palmella* seria *Palma pequena*, segundo alguns para differença de Palma na Andaluzia, edificada, conforme os mesmos, pelo mesmo consul romano¹.

Em nenhum autor latino encontro noticia do castello de Palmella e nem uma palavra sequer de referencia. As legiões romanas não se encaminhavam para estas partes, e a fortaleza, se já era levantada, seria estação de algum presidio militar para conter em respeito os

¹ [Alem do citado personagem A. Cornelio Palma, ha ainda outros do mesmo nome na historia antiga: vide De Vit, *Onomasticon*, s. v. «Cornelius»; mas de nenhum d'estes se pôde dizer que provenha o nome de PALMELLA. Este nome é, como com razão lembra o Sr. Rasteiro, mero deminutivo de *palma*, como *COVELLA* o é de *cova*, *QUINTELLA* de *quinta*, *MESQUITELLA* de *Mesquita* e outros muitos. No nosso onomastico existe ainda outra PALMELLA, e alem d'isso: PALMINHA, PALMEIRA, etc.; vide a *Chorographia do reino de Portugal*, de J. M. Baptista, «Indice», s. v.—J. L. DE V.].

povos circumvizinhos, ou policiar o *Promunturium Barbaricum* — península da Arrabida.

Palmella não pode celebrar-se por qualquer feito de armas, por isso restou no silêncio e terá a mesma razão de ser a escassez de notícias da vizinha cidade littoral correspondente á moderna *Troia de Setubal*, importante outr'ora pela sua situação marítima e de certo pelo seu commercio e pescarias, como attestam as suas reliquias sepultadas nas dunas do oceano ha quasi quinze seculos.

Os monumentos arabes conhecidos, que tão poucos são, não nos fallam tambem de Palmella, mas é certo que existia, e guarnecida, a fortaleza no seculo XII, como consta das velhas chronicas portuguezas. A proximidade e valor de Al-kassar e Lichbouna diminuia-lhe a importancia; todavia, como chave da península, que se lhe estende a poente, não deixaria de ser fallada nos escriptos arabes e d'ahi poderiamos alguma cousa saber de Palmella, se os christãos no seu odio aos islamitas, e os escriptores indigenas, querendo fazer chronicas milagreas, não houvessem destruido quantos monumentos arabes poderam colher.

A fortaleza de Palmella, como a de Sezimbra, póde dividir-se em duas partes distinctas: castello ou cidadella ao poente, e o restante recinto murado que abrigaria a povoação. Para simples presidio militar toda a cêrca é demasiado vasta; e a ausencia total de construcções vetustas nas vizinhanças, e nem sequer restos, são indicios de que aquelles muros, que coroam todo o môrro fortificado, cingiam o castello e guardavam a povoação. Quando mais tarde já não havia a temer das algaras e correrias inimigas e talvez, porque superabundasse, a população veiu-se escapando para fóra das muralhas, mas, sempre cautelosa, não deixou a sombra dos muros protectores, e é de crêr, que a construcção da casa de Sant'Iago e o estabelecimento dos cavalleiros e freires alli lançasse para fóra dos muros os habitantes, que lá restassem.

A igreja de Santa Maria, posta a par do castello, mas fóra do seu recinto, mais faz suppôr que se lhe queria dar o necessario amparo, quando vencida a povoação, em cujo ambito demorava.

Cuido que alguma cousa ainda existe de primitivo, naquellas construcções, mas muito ha de refeito em epochas diversas. As torres ou cubellos circulares, saindo dos pannos da muralha e distanciadas a tiro de bésta, fallar-nos-hão dos romanos; as torres quadrangulares fallar-nos-hão dos arabes; a torre de menagem alterosa e elegantemente singella e forte, com as armas de Portugal sobre a cruz floreteada, testemunha-nos a epocha de Avis. Das fortificações modernas juxta-

postas para uso do canhão dá-nos noticia a lapide, que existe sobre a porta de entrada da fortaleza.

Na muralha refeita a oeste d'esta porta ha materiaes procedentes da desmantelada e vizinha igreja de Santa Maria.

Os castellos de Palmella e de Sezimbra, isto é, o conjuncto de fortificações sobre os montes, assemelham-se nas suas disposições geraes. No cerro mais elevado a cidadella, montão de muros torreados, com a sua torre principal, em que haviam de encerrar-se e ter-se até fim os ultimos defensores; na extremidade opposta uma torre grande, mas menos consideravel do que a de menagem, ligando em si as muralhas, que naquelle ponto se aproximam, formando um angulo agudo, cujo vertice a torre trunca. Em Sezimbra conservam-se as antigas disposições da cidadella, em Palmella foram alteradas pela reconstrucção da torre de menagem e outras obras posteriores. Palmella tem só uma porta e, no lado opposto, uma poterna; a porta, porém, já não é flanqueada por torres, ajustando-se-lhe outro systema de defesa, não tanto propriamente á porta, como embaraçante da entrada do inimigo.

As duas velhas fortalezas, que eu mais tenho como povoações acastelladas, são mais conhecidas pela designação de castellos, despejadas, como estão, de habitações e habitadores; todavia as doações reaes aos cavalleiros de Sant'Iago mencionam castellos e villas, e até o padroado das igrejas que alli se encerravam.

As cisternas de Palmella são famosas, e bem se distinguem as antigas das modernas. Dentro do recinto muralhado estão de pé as paredes da casa dos espatharios, a sua igreja abandonada á ruina; a habitação do prior-mór, que o templo separava do mosteiro; e restos da igreja de Santa Maria, que já em 1736 ameaçava perigosa ruina, pelo que o patriarcha de Lisboa mandou celebrar os officios religiosos na ermida de S. João. O terramoto de 1755 lançou por terra a igreja. No recinto do castello ha uns aquartelamentos, que não denunciam grandes annos; mas, descobertos já os pavimentos superiores, vão-se desmoronando.

28. Torres

Torres, ou habitações fortificadas, parece que as houve nestes sitios. Na cordilheira de montes, em que assenta Azeitão e vae até Palmella, ha propriedades cujos nomes fazem crer na existencia de torres nestes sitios, mas, de tal modo aniquiladas, que nem vestigios deixaram.

Perto de Villa-Nogueira ha a *quinta da Torre*, cabeça de um morgado instituido por Ruy Gomes da Grãa. A velha habitação dos senhores era num lugar elevado, mas um incendio ahi por 1830 destruiu-a;

no pateo da casa existia, não ha ainda muitos annos, um buraco no chão e que se dizia communicar com um subterraneo da torre. Nunea o vi, mas a pessoa, que o affirmava, era de tanta verdade e despreoccupada de invenções historicas, que não posso duvidá-lo.

—Mais a leste, no lugar em que se partilhavam os concelhos e commendas de Sezimbra e de Palmella, ha uma quinta, cabeça de um morgado ainda ha pouco na administração dos marqueses das Minas, chamada *quinta da Torre*. Houve alli uma habitação senhorial, de que restam apenas algumas pedras. A sua queda deve ser anterior ao seculo xvii, porque logo nos primeiros annos D. Antonio de Sousa e sua mulher D. Maria Telles de Meneses residiam na casa da quinta da Boa-Vista, na aldeia de Camarate, aonde lhes nasceu, primogenito, D. Francisco de Sousa, 1.º marquês das Minas e 3.º conde do Prado, baptizado em S. Simão de Azeitão a 17 de outubro de 1615, que tão brilhantemente fez as campanhas da restauração e a embaixada de Roma em 1670.

Um documento authenticico de 1434, fazendo a delimitação dos velhos concelhos de Palmella e de Sezimbra, diz e *d'aqui se vae directamente aguas vertentes pela serra a fundo ter á torre que foi de Affonso Lobo e ali está um marco ao pé da torre da parte do poente*.

Mais tarde os senhores do morgado levantaram uma casa grande, mas sem nobreza de fórmas, no mesmo lugar, e o marco, a que o documento atrás se refere, ficou em meio da cozinha servindo de pé a uma mesa.

Das palavras *pela serra a fundo* poderá deprehender-se que a torre seria na planicie, ou no valle; mas não, a torre era na quebrada, que formam os montes chamados hoje de S. Francisco e de Santo Ovidio, das capellas, cujas ruinas existem, da vocação d'estes santos.

Assim como na cozinha se dava o facto estranho de pertencer a dois concelhos, do mesmo modo a ermida de Santo Ovidio [tambem chamada de Santa Helena] tinha a capella-mór na freguesia de Santa Maria, concelho e commenda de Palmella, enquanto o restante da igreja ficava na freguesia de S. Simão, commenda e concelho de Sezimbra e ultimamente [desde 1759] concelho de Azeitão. Esta partilha deu causa a questões entre os parochos das duas freguesias, porque se um não queria que o outro officiasse para os seus fregueses, o de Palmella não permittia que o de S. Simão celebrasse nos limites da sua parochia. O caso foi resolvido pelo prelado a favor do paroch de Santa Maria de Palmella.

—Mais a leste, proximo da *Fonte do Sol*, sobre a mesma cordilheira, ha uma propriedade chamada *das Torres Altas*.

29. Factos historicos das fortalezas de Coina, Sezimbra e Palmella

Do castello de Coina apenas ha noticia pelo testamento de Sancho I. Este testamento é dos annos 1188 e nelle declara o rei ter certos dinheiros no castello de Coina, a que dá determinada applicação, e d'outros dinheiros, que noutras partes tinha arrecadados, destina o rei alguns para os muros de Coina e municionamento de seu castello.

O encontro de Affonso Henriques com as forças, vindas em socorro de Sezimbra, foi á vista do castello de Coina, a um ou dois kilometros dos seus muros; no entanto desconhece-se o papel, que naquelle successo desempenhou a sua guarnição.

Parece haver sido destruido pela invasão musulmana de 1191, e não consta que depois fosse reparado.

O castello de Sezimbra seria abandonado pelos arabes em 1147, quando Lisboa caíu, e não se sabe se foi occupado pelos christãos. Os arabes, quando de novo se apossaram do sul do Tejo, guarneceram-no, assim como Palmella, e não deixariam sem presidio Coina e Belmonte, porque estas quatro fortalezas formavam a linha de defeza do trato de terreno ao sul do Tejo, em frente de Lisboa.

Desordens intestinas não permittiam aos arabes occupar-se acuradamente dos negocios da parte mais occidental de Andaluz [Hispanha] e o rei portuguez ponde em 1158 apoderar-se de Alcacer, deixando, porém, atrás de si e em poder do inimigo a peninsula da Arrabida. As difficuldades continuaram nos arabes. Em 1163 algumas tribus tinham-se insurreccionado e em 1164 um chefe arabe commandava na Andaluzia um exercito de rebeldes colligados com christãos.

Em principios de 1165 Affonso Henriques achava-se em Alcacer, aonde teve noticia de que Sezimbra e Palmella estavam fracamente presidiadas. Sem detença partiu a surprehendê-las, e, conforme seu uso e tactica, passou através dos inimigos sem ser apercebido, e foi atacar Sezimbra, aonde menos podia ser esperado, por confiar na guarda dos castellos fronteiros de Belmonte, Palmella e Coina. Sezimbra sustentou-se algum tempo, dando lugar a que de Badajoz marchassem forças para socorrê-la; todavia teve de render-se no dia 21 de fevereiro.

Em quanto se ajustavam as bases da capitulação, o rei portuguez não deixou sair do espanto os inimigos, nem esfriar o entusiasmo dos seus soldados, e partiu a fazer um reconhecimento sobre Palmella, seguindo o valle na falda norte da serra da Arrabida. Ao sul do castello de Coina, Affonso Henriques topou de frente com forças numerosas, que açodadas marchavam em socorro de Sezimbra, cuja queda desconhe-

ciam; o rei português aproveitou a desordem e fadiga da marcha dos inimigos e não vacillou em atacá-los. Tão poucos são os cavalleiros christãos, que os arabes suppõem ter na frente apenas as avançadas portuguezas, e preparam-se para receber o choque do grosso do exercito; todavia Affonso Henriques carrega-os com tanto ardor, que não os deixa ordenar, nem desenvolver, o sitio por accidentado e coberto de matas espessas ajuda-o, e a derrota do exercito mourisco não se faz esperar, seguidas de tantas perdas que nem pôde reforçar Palmella obrigada a capitular no dia 24.

No valle da Victoria, perto de El-Carmen, teve fim o combate de Affonso Henriques com as forças saídas de Badajoz, como é tradição constante. A piedade christã, attribuindo o successo ao auxilio da Virgem, levantou no sitio uma pequena capella a Santa Maria da Victoria. Os restos do singelo tempozinho são já apenas uns pedaços de paredes levantados do chão alguns palmos.

— Durante o cêrcô de Lisboa pelo exercito de D. João I de Castella, fôrças portuguezas, com as quaes se achava o Condestavel, guardavam Palmella. Certo dia Nuno Alvares, determinando surprehender Almada, aonde commandava Pedro Sarmiento, tomou com os seus a estrada de Azeitão, pelo valle, chamado hoje do Pécheleiro, na falda septentrional da serra da Arrabida. Era longo o caminho, mas assim evitava ser presentido por uma guarda de 30 cavallos, que estacionava em Coima, junta ao rio, e podia suprehender os castelhanos. A noite era tenebrosa, os guias pouco praticos e assim, transviados, acharam-se os soldados de Nuno Alvares, ao romper da alva, á vista de Sezimbra. Não perdeu o general de todo as esperanças de exito, e, fazendo apressar os seus cavalleiros, poudo entrar Almada, de onde voltou por Coima, caminho de Palmella, com optimos despojos que distribuiu pelos seus soldados. Á noite grandes fogos accesos no castello deram noticia a Lisboa de que o dia correra propicio ás armas portuguezas. O mestre de Avis dos paços de Lisboa correspondeu illuminando com tochas uma varanda, que avistava Palmella. Entretanto Nuno Alvares, com o arrojio que lhe era tão proprio em todas as occasiões, fez-se caminho de Lisboa, atravessando o Tejo num batel por entre a frota castelhana, que não podia suppôr tamanho atrevimento.

— No mais baixo da torre de menagem do castello de Palmella ha um vão, como que cisterna, mas sem agua, nem encanamentos, que lh'a dirigissem: aqui foi encerrado o bispo de Evora, D. Garcia de Menezes, cumplice de alta traição com o duque de Vizeu, que se propunham assassinar D. João II. O bispo poucos dias ali teve vida, suppondo-se ter sido envenenado.

—Como dentre dos muros de Palmella ainda se vêem as ruínas da casa e igreja dos cavalleiros de Sant'Iago, darei resumida notícia do estabelecimento da Ordem alli, em Alcacer e em Mertola.

O castello de Palmella, com o territorio que lhe era dependente, foi doado á Ordem de Sant'Iago, juntamente com Alcacer e Almada, em 28 de outubro de 1186. Em 1193 ainda os cavalleiros não seriam em Palmella, mas em fevereiro de 1194 já alli se achavam, porque Sancho I doa a ermida de Santos, em Lisboa, a D. Soeiro Rodrigues, *commendador de Palmella*, a D. Christoforo prior e freires. Em 1210, pelo testamento do mesmo rei, o *commendador de Palmella* teve um legado de 5:000 morabitanos. Em 9 de dezembro do mesmo anno a doação do que o rei houvesse na *Adiça* é feita ao mestre D. João Fernandes, ao *commendador de Palmella* e ao *capitulo do mesmo lugar*.

É bem sabido que a Ordem de Sant'Iago tinha a sua séde em Castella, e que só posteriormente os cavalleiros portuguezes tiveram mestre independente. Nos primeiros tempos os cavalleiros de Portugal, ou em serviço neste país, estavam sujeitos ao *commendador* da *commenda* séde do convento; por outra fórma, a *commenda*, em que estava o convento, era conferida ao cavalleiro que, com delegação do mestre, commandava os cavalleiros portuguezes, ou que estavam servindo em Portugal.

Ao *commendador* Soeiro Rodrigues seguiu-se Martim Paes Barregan, que se tornou notavel na organização das forças contra Alcacer em 1217, e tanto se celebrizou á frente dos seus cavalleiros na famosa carga dada pela cavallaria das Ordens do Templo, de S. João e de Sant'Iago contra os agarenos.

Entregue Alcacer á Ordem de Sant'Iago logo em seguida á expugnação, Martim Barregan deixou a *commenda* de Palmella pela de Alcacer, aonde o convento já se achava no dia 27 de Janeiro de 1218, conforme uma doação de Affonso II a Martim Paes, *commendador* de Alcacer, a Gonçalo Mendes, *chancellor* e ao *capitulo* da Ordem.

O foral de Setubal, de 1249, ainda é datado de Alcacer.

Em 1254 já os espatharios estavam em Mertola e d'aqui datam o foral da povoação.

Em 1329 os cavalleiros estavam de novo em Alcacer; foi na igreja de Santa Maria *hu se sõe fazer cabidos*, que teve lugar a eleição do mestre portuguez D. Garcia Pires.

Em 1415, por morte do mestre Mem Rodrigues de Vasconcellos, coube o logar supremo da Ordem ao infante D. João, com o titulo de governador. Foi este que projectou a volta do convento para Palmella.

Fallecendo em 1442, succedeu-lhe seu filho Diogo, que no anno seguinte lançou a primeira pedra nos fundamentos do templo, que, muito destruido, ainda está de pé dentro dos muros da velha Palmella. O infante D. Fernando, filho de D. Duarte, ainda foi eleito em Alcacer; deu-se por então grande desenvolvimento ás novas edificações da igreja e mosteiro, mas só tiveram fim sendo governador o principe D. João, filho de D. Affonso V. O convento passou para a sua nova casa e estabeleceu-se definitivamente em Palmella a 26 de outubro de 1482 e aqui se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

30. Fortalezas prisões de estado

—O castello de Palmella já disse ter sido prisão do bispo de Evora no reinado de D. João II.

—A torre do Outão está situada na falda sul da serra da Arrabida, junta ao mar, para defesa da foz do Sado. Parece haver tido principio no reinado de D. João III, que, nas instrucções dirigidas em 1533 ao mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, lhe dizia: *Vereés a torre, que se deve fazer no cabo do Outão, quanto custará.*

No tempo de D. Sebastião foram-lhe melhoradas as fortificações.

Em 1580, pela invasão castelhana, estava *fortificada á moderna* com tres cavalleiros pequenos e artilhada com 37 canhões, tinha a necessaria guarnição sob o mando de Mendo da Motta e achava-se de fresco aprovisionada de mantimentos e petrechos de guerra pelo Prior do Crato. Ignacio Rodrigues Velloso com uma arca e dois galeões bem artilhados occupava a barra do Sado, que devia defender oppondo-se á armada do marquês de Santa Cruz. No entanto os navios portuguezes covarde ou traiçoeiramente abandonaram o seu posto e as naus castelhanas, protegidas por espessa nebrina, puderam aproximar-se do Outão ao tempo que as baterias, arrojadamente estabelecidas em terra, mettiam a fortaleza de baixo de uma chuva de pelouros. Setubal dera-se já ao estrangeiro e Mendo da Motta, depois de valente resistencia, foi obrigado a capitular, saindo, porém, da praça em liberdade com a guarnição reduzida a setenta soldados. Era o dia 24 de Julho. D. João de Molina tomou o governo da fortaleza pelo castelhano.

Em 1640 a torre de Outão, depois de oito dias de cerco, entregou-se no dia 17 de Dezembro ás forças portuguezas commandadas por João Gomes da Silva, que lhe deixou por capitão Antonio de Moura.

D. João IV depois augmentou as fortificações, lançando o conde da Ericeira a primeira pedra para as novas baterias em 30 de Julho de 1643 e só concluida em 1657.

Pela conspiração do marquês de Villa-Real, foi encerrado na torre de Outão Gonçalo Pires de Carvalho e depois Mathias de Albuquerque, general das forças do Alentejo.

Em seguida aos successos de 1758 serviu a torre de prisão a D. Filippe de Sousa, Calhariz. Documentos á vista mostram-no alli preso em 22 de Março de 1760 e ainda em 25 de Janeiro de 1766; a 21 de Dezembro do mesmo anno vejo a licença para a venda de uma emphyteusis e o recibo do laudemio já datado do castello de S. Filippe, aonde se achava ainda em 20 de Janeiro de 1774. Não era atroz, como se pretende, o captiveiro, porque lhe dava lugar a occupar-se mesmo dos mais pequenos negocios de sua casa.

Em Dezembro de 1766 o conde da Ega, Manoel de Saldanha de Albuquerque, que voltava do vice-reinado da India, e o seu secretario, desembargador Belchior José Vaz de Carvalho, foram presos logo ao fundear no Tejo e encerrados na torre do Outão. O vice-rei esteve alli 20 meses incommunicavel, tendo de prisão 2 annos e 17 dias. Em 23 de Dezembro de 1768 foi-lhe concedido livrar-se sôlto, estando quasi cego em consequencia de um ataque forte de ophtalmia, e saiu para a sua casa da Junqueira no dia 27 do mesmo mês e anno, aonde falleceu a 6 de Dezembro de 1771. O desembargador Vaz de Carvalho foi sôlto algum tempo antes do vice-rei, mas só absolvido em 19 de Abril de 1777; a viuva do conde da Ega tambem alcançou a absolvição de seu marido em 26 de Janeiro de 1779.

—O paço dos Aveiros em Azeitão, custodia dos jesuitas.

—É bem sabido que a Companhia de Jesus tomou larga parte na conspiração de 1758 contra D. José I. O rei, que não temeu quebrar os privilegios da mais alta nobreza dos seus estados e devolver-lh'os embrulhados numa sentença de morte, parou ante as immunidades ecclesiasticas. Cabeças de grandes senhores rolaram no cadafalso e nem um tonsurado sequer d'esta epocha tem o seu nome inscripto no martyrologio da celebre Companhia. Malagrida acabou na fogueira, mas foi para alli conduzido pelos da sua classe, e ainda se lhe não pode formar o processo de beatificação. O bispo de Coimbra, frei Miguel de Annunciação, o chefe da Jacobea e dos sigilistas, o fanatico intransigente, foi apenas encarcerado e ainda pode gozar do triumpho e ser tido como martyr pelos energumenos seus sequazes. O governo do rei José, finalmente, accusado de tanta crueza para com os conspiradores de 1758, foi de benevolencia extrema para com os jesuitas, dando-lhes por custodia o palacio dos duques de Aveiro em Azeitão.

A carta regia de 19 de Janeiro de 1759 mandava aos chancelleres da Casa da Supplicação de Lisboa e da Relação do Porto, que custo-

diassem os jesuitas dos seus districtos nas casas que a Companhia tivesse nas povoações mais consideraveis. Tantos eram, porém, no reino os jesuitas, que as vastissimas casas professas, collegios e noviciados de Lisboa ficaram logo abarrotando d'elles. Aos que chegavam do Alemtejo, e a alguns de Lisboa, foi-lhes dado o palacio dos Aveiros por lugar de reclusão.

A guarda da custodia foi confiada ao desembargador Agostinho de Novaes Campos, de uma familia de Azeitão, e grande seria a confiança depositada no sujeito para se lhe entregar tão importante depósito, dependente de tanta pendencia e sagacidade. O desembargador dispndia *camerariamente*, como elle se expressa no seu testamento, as quantias necessarias para a sustentação decente dos reclusos, que tinham ao seu serviço medico, barbeiro e cozinheiro pagos pelo estado.

Porque ás vastas salas do palacio faltavam todas as condições para um seguro encerramento, um corpo militar permanecia ás ordens do desembargador para o auxiliar na custodia dos padres.

Dos primeiros jesuitas não foi longa a reclusão no palacio. Na noite de 16 para 17 de Setembro de 1759 saíram da custodia de Azeitão 133 jesuitas, que, em seges escoltadas por cavallaria, seguiram até á margem esquerda do Tejo; em Coima passaram para barcos e, guardados por infantaria, foram para bordo do brigue S. Nicolau, que, abundantemente provido de viveres, os foi depor em Civitta-Vecchia. Quatro barcos tinham conduzido para bordo do brigue as bagagens dos jesuitas.

Seriam estes todos os habitantes da casa, mas não tardou a renovar-se-lhe a população, pois logo vieram chegando outros padres de diversas partes do reino e das possessões portuguezas de alem-mar. Em 1767 ainda havia jesuitas custodiados no palacio dos Aveiros: ao desembargador Campos, morto em 1765, tinha succedido na guarda dos padres o juiz de fóra de Azeitão, dr. Agostinho Machado Faria.

Por simples curiosidade e para se poder julgar da fecundidade da celebre Companhia de Jesus, farei ao correr uma nota dos jesuitas vindos das possessões portuguezas na Asia, na America e na Africa.

De Goa saíram para o reino 127 em 19 de Dezembro de 1760; de Macau 24 em 22 de Março de 1763; de Diu, de Damão e de Moçambique numero que não posso precisar; do Rio de Janeiro e de Pernambuco vieram 317 e da Bahia 177; da ilha da Madeira fez o conde de S. Vicente recolher a Portugal bom numero de padres da Companhia. Já por este esbôço rapido se poderão avaliar as forças do exercito de que o geral de Roma dispunha nos dominios do rei D. José e que o governo d'este poude dispensar.

Modernamente inventou-se, que dos reclusos *31 por 73 se finaram de tanto penar nas cadeias de Azeitão*. É falso. Nem um só aqui morreu. Os livros do registo parochial não accusam um obito sequer de jesuita. Ainda conheci gente, que fallava da custodia d'estes padres como de cousa do seu tempo, ou muito proxima, sem dar noticia de maus tratos, ou mortes, e a tradição do povo ainda hoje não accusa nenhuma crueza, nem menciona a custodia como cousa fóra do ordinario encerramento.

Os obitos, que podem ter relação com a prisão dos jesuitas no palacio dos Aveiros são — *do comprador dos padres da Companhia*, registado assim no obituario parochial de S. Lourenço; durante a custodia falleceu repentinamente o desembargador Campos, encarregado d'aquella commissão de serviço real; substituiu-o o dr. Agostinho Machado Faria, que passados alguns annos foi mysteriosamente assassinado, sem que pudesse até hoje descobrir-se o auctor do crime.

Azeitão, Agosto de 1894.

JOAQUIM RASTEIRO.

Museu Municipal de Bragança

1. Projecto do Museu

«Nestes ultimos tempos tem-se desenvolvido muito entre nós o amor pelos estudos archeologicos, dando origem á criação de grande numero de museus, tanto publicos como particulares, aonde se vão reunindo todos os objectos da antiguidade que se encontram dispersos.

E bem é que os trabalhos da archeologia vão tendo o desenvolvimento que merecem, e que haja ainda quem se interesse em não deixar perder esses thesouros de subido valor para a historia de um povo e para o estudo da sua arte. A archeologia ministra ao homem muitos meios para a comprovação directa de innumerous factos que lhe servem de valiosos auxiliares para conhecer o meio em que vive e a historia do seu país.

E, alem da utilidade que tem como fonte subsidiaria da historia e das leis da arte, ella é ainda um esplendoroso campo de recreação para o espirito, levando-nos pela observação das ruinas e dos objectos antigos á contemplação do passado; põe-nos em contacto com elle, e habilita-nos a bem podermos avaliar dos caracteres, vida, usos e costumes do povo a que pertenceram.

Sobejos motivos ha, pois, para que os homens mais cultos na sciencia historica e que mais se interessam para bem conhecerem o passado